



Duarte Nuno Viana Dias  
Organização criminosa e actividade criminal: Implicações da  
estruturação do gangue

Dissertação de Mestrado  
em Psicologia da Justiça

Orientação: Prof.<sup>a</sup> Doutora Maria Francisca Rebocho  
ISMAI - Instituto Superior da Maia

Junho de 2010



Duarte Nuno Viana Dias

Nº: 14524

Organização criminosa e actividade criminal: Implicações da estruturação do gangue

Dissertação de Mestrado em Psicologia da Justiça

Trabalho realizado sob a orientação da Prof.<sup>a</sup> Doutora Maria Francisca Rebocho

Junho de 2010

## AGRADECIMENTOS

À minha orientadora, Professora Doutora Maria Francisca Rebocho, meu suporte científico, pela sua orientação valiosa e incansável, pelo tempo dispendido e pelo grande exemplo de profissionalismo.

Ao Dr. Pedro R. Almeida agradeço o interesse que demonstrou na realização do presente estudo, a amabilidade com que sempre nos recebeu, as sugestões e orientações fornecidas e a generosidade com que contribuiu para o estudo, nomeadamente ao nível da construção da base de dados.

A todos os indivíduos que aceitaram participar no presente estudo agradeço a disponibilidade e simpatia com que o fizeram.

Ao Hélder André Matos, ao Jorge Dias, ao José Castro e ao Ricardo Couto. Bons amigos, que percorreram comigo este caminho académico, fontes de apoio infindáveis.

Ao Carlos Carvalho, ao Pedro Silva e ao Valter Santos. Sem o esforço e dedicação dos quais esta missão teria sido impossível.

A Carla Kunda, a Daniel Llienar Grande, a Dalmau Barris, a Gustavo Kunda i al Joaquim Barris per l'ajuda, la compenssió, estar sempre al meu costat i recolzar-me en tot moment durant el procés.

Dlia Vladimira, Janni y Kati, jochu skazat': bol'shoe vam spasibo za vash priom y terpenie kogda ya bil v Barcelone, za to chto ya chustvoval sebja kak doma vcio eto vremia, za to chto vi ko mne otnosilis' kak k sinu y za vsu tu pomosh' y ponimanie kotoroe vi mne dali. Ogromnoe Spasibo.

Dlia Mashi Rassolovoy, moiey nadiognoi devushke, bol'shoe spasibo za vcio chto ti zdelala dlia menia v poslednie godá, chto nikogda ti ne somnevalas' vo mne y ne v moi planaj na budushee...Za to chto ti schitala menia realizirovanim vo vciom y lubimim.

Para os meus queridos sobrinhos, Dinis e Francisca. Os meus meninos...seres fantásticos que me alegram todos os dias e que despertam em mim, a pureza e a infância da vida.

Para os meus irmãos, Pedro, Teresa e Vanda por todo o amor e apoio, por saberem sempre como me levantar quando estou em baixo.

Para as minhas figuras de vinculação, verdadeiras fontes de apoio e afecto inesgotáveis, os meus pais. Obrigado por tudo, obrigado por aceitarem como eu sou, por amarem-me incondicionalmente, por perdoar os meus erros e apoiar o meu sucesso.

## RESUMO

A investigação acerca dos gangues, da sua organização e da sua influência no comportamento dos seus membros tem vindo a aumentar ao longo dos últimos anos. Contudo, a maioria dos estudos centra-se nos factores que levaram os indivíduos a integrarem um gangue, limitando assim a nossa compreensão acerca desta matéria. Com esta finalidade, foram realizadas entrevistas semi-estruturadas a 47 elementos de gangues, abordando não só as suas histórias de vida, mas também a relação entre a estrutura e organização do gangue e variáveis comportamentais como o envolvimento em crimes violentos, venda de drogas, vitimização e auto-controle. Os resultados demonstram a existência de diferenças claras entre membros de gangues organizados e membros de gangues desorganizados, no que concerne aos seus crimes cometidos, a venda de drogas, e à vitimização a que estão sujeitos. Verifica-se ainda que membros de gangues organizados procuram mais o risco e evidenciam menos respeito pelas outras pessoas. Em suma, mesmo baixos níveis de organização do gangue são relevantes para o comportamento dos indivíduos que os integram, sendo que uma maior organização do gangue está relacionada com um aumento significativo de ofensas e de vitimização.

## ABSTRACT

Research on gangs, their organization and its influence in their members' behavior has increased over the past few years. However, most of the studies have focused on the factors that led the individuals to become gang members, restricting our understanding about this subject. For this purpose, 47 semi-structured interviews were conducted to gang elements, addressing not only their life stories, but also the relationship between gang structure, gang organization and behavioral variables such as involvement in violent crimes, drug sale, victimization and self-control. The results show differences between organized gangs' members and disorganized gangs' members, regarding their crimes, drug sale and victimization to which they are exposed. There is also evidence that members of organized gangs seek higher risk and shows less respect for people. In short, even lower levels of organization are relevant for the individuals' behavior in a gang, and a higher gang organization is related to a significantly higher level of offenses and victimization.

**1. INDICE**

	<b>PÁGS.</b>
1. INTRODUÇÃO _____	1
1.1. A problemática dos gangues _____	2
1.2. Teorias Sociológicas do comportamento criminal _____	3
1.3. Membros de gangues _____	8
1.4. Delinquência de Gangue _____	10
1.5. Gangues como organizações _____	10
1.6. Gangues delinquentes e vitimização _____	13
2. MÉTODO _____	17
2.1. Objectivos do Estudo _____	17
2.2. Participantes _____	17
2.2.1. Variáveis sócio-demográficas _____	17
2.2.2. Variáveis do desenvolvimento pessoal _____	19
2.2.3. Variáveis da trajectória criminal _____	21
2.2.4. Variáveis de envolvimento em gangues _____	22
2.3. Procedimento _____	24
3. RESULTADOS _____	26
3.1. Organização dos gangues _____	26
3.2. Vitimização violenta _____	29
3.3. Venda de estupefacientes _____	30
3.4. Crime violento _____	31
3.5. Auto-controle _____	32
4. DISCUSSÃO _____	35
4.1. Caracterização dos indivíduos da amostra _____	35
4.2. Organização dos gangues _____	37
4.3. Vitimização Violenta _____	38

4.4. Venda de estupefacientes e crime violento	39
4.5. Auto-controle	40
5. CONCLUSÃO	41
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	42
ANEXOS	47
ANEXO 1	48
TERMO DE CONSENTIMENTO	
ANEXO 2	50
QUESTIONÁRIO	

## 1. INTRODUÇÃO

O papel dos gangues no crime tem vindo a ser investigado, recebendo especial atenção nos Estados Unidos desde a década de 1980, devido, segundo McCorkle e Miethe (2002, p. 4) “A cobertura dos média sobre os gangues explodiu. Jornais, televisão e filmes foram subitamente inundados com imagens de armas e tráfico de drogas...à medida que nos aproximamos do novo milénio somos informados de que a ameaça do gangue ainda não atingiu o pico”, argumentando que os gangues são definidos como a principal fonte de crimes e violência nos Estados Unidos num momento em que os média parecem obcecados com histórias da criminalidade e de violência. Estes autores afirmam ainda que “a cobertura dos média acerca dos gangues é tipicamente inflamatória e sensacionalista, relacionando os gangues com crimes violentos e como dominadores dos mercados de drogas ilícitas” (McCorkle e Miethe, 2002, p. 4).

Ao nível individual, vários investigadores (Esbensen & Huizinga, 1993; Thornberry, Krohn, Lizotte, & Chard-Weirsch, 1993) documentaram que a participação em gangues tem um impacto desproporcional sobre o tipo e a frequência do crime. Estudos (e.g., Decker, Katz, & Web, 2007) sugerem que indivíduos cometem mais crimes quando estão envolvidos num gangue, e os crimes cometidos tendem a ser mais graves do que quando os seus autores não fazem parte de um grupo. Outras investigações (e.g., Klein, 1995) indicam que as cidades com mais gangues têm mais crimes de violência concentrada em bairros com altos níveis de presença de gangues.

Do ponto de vista da intervenção, existem evidências de que é mais difícil lidar com membros de gangues do que com indivíduos delinquentes que não fazem parte de nenhum grupo, uma vez que, devido ao seu espírito de coesão e de unidade, participam em actividades de interesse comum, aumentando assim a probabilidade de se envolverem em actividades criminosas, cometendo os crimes de forma mais organizada (Klein, 1995). Como afirmam Reed e Decker (2002) “no contexto de grupo o comportamento do gangue pode apoiar e fornecer oportunidade para que os seus membros participem em comportamentos ilegais”. O gangue dificulta todos os esforços de prevenção, intervenção e repressão (Spergel, 1995). Um programa de prevenção bastante conhecido, “The Neutral Zone”, criado em 1982, era baseado na comunidade. Os resultados demonstraram que o programa foi eficaz durante o período de tempo que os adolescentes permaneceram no programa. No entanto, este não fez reduzir o número de gangues ou o comportamento criminal destes, não havendo diferenças nas taxas de criminalidade durante as horas de actividades em que o programa estava a decorrer. Apesar disso, os resultados deste programa foram algo positivos, porque a maioria dos participantes (gangues) afirmaram que caso não estivessem ocupados com o programa, se teriam envolvido no crime. (Thurman, 1996).

Segundo Sherman (1998), parte do problema é que a eficácia dos programas baseados na comunidade dependem muito da capacidade de ajudar a remodelar a vida da comunidade, pelo menos das comunidades mais problemáticas. O principal objectivo dos programas é reduzir a criminalidade

dos gangues, bem como aumentar o envolvimento social para aqueles indivíduos que estão envolvidos em gangues e para aqueles com alto risco de se envolverem em gangues.

Os resultados conhecidos sobre a relação entre a ligação do gangue, os seus membros e o crime (e.g., Decker, Katz, & Web, 2007) levantam questões importantes acerca da natureza do gangue em si. Apesar do considerável conhecimento acumulado sobre o impacto dos gangues no crime (e.g., Decker, Katz, & Web, 2007), existe ainda um reduzido conhecimento acerca das características organizacionais e estruturais do gangue em si. Este estudo visa preencher essas lacunas, centrando-se nas características estruturais e organizacionais dos gangues e a influência destas características sobre o comportamento dos seus membros, nomeadamente ao nível da actividade criminosa desenvolvida.

### ***1.1. A problemática dos gangues***

Embora o debate em torno da existência de gangues remonte a 1600, não foi avançada ainda uma definição universal (Spergel, 1990). A definição mais aceite entre os investigadores é articulada por Klein (1971, p. 528), que define o gangue como "qualquer grupo de jovens adolescentes que são geralmente percebidos pelos outros como um grupo diferente dentro do bairro (b) reconhecem-se como um grupo diferente (quase sempre com um nome do grupo) e (c) estão envolvidos num número suficiente de incidentes delinquentes que suscitem uma resposta negativa consistente por parte dos moradores do bairro".

Um dos problemas na tentativa de obter uma compreensão global acerca dos gangues e do comportamento dos seus membros é determinar exactamente o que é que constitui um gangue. Alguns deles estão longe de ser bem organizados e de fornecer protecção. A integração num gangue por vezes resulta da procura de protecção, embora na realidade o seu envolvimento aumente a probabilidade de vitimização dos seus membros, devido às actividades criminais em que o gangue se envolve, sendo o grupo muitas vezes caracterizado pela ausência de líderes bem definidos, de regras, reuniões e de responsabilidades. No que concerne à sua estrutura, coesão, organização, comportamento e permanência, os gangues parecem evoluir rapidamente, de modo que os gangues (zoot-suiters) do pós-Segunda Guerra Mundial, os gangues étnicos de 1950 e da década de 60, e os tiroteios e tráficos de drogas da década de 80 nada ou pouco têm em comum, com os gangues delinquentes actuais.

Num esforço para estabelecer uma tipologia de gangues, contribuindo para o seu entendimento e compreensão, Klein (2001 a) identificou cinco tipos comuns de gangues numa amostra de 201 cidades dos Estados Unidos. O primeiro tipo, os chamados "gangues tradicionais" são fortemente territoriais, tendem a ser grandes em número de elementos e duradouros no tempo, verificando-se a presença de subgrupos distintos, cujos membros variam de idade. Os "gangues neotradicionais" são semelhantes aos tradicionais, mas são menores em tamanho e a sua duração é mais curta. Os "gangues comprimidos", por seu lado, têm uma existência relativamente curta, sendo constituídos por pequenos grupos de jovens, sem identidade territorial, com actividade criminosa diversa. Os chamados "gangues colectivos" não apresentam identidade territorial, são formados por membros de várias idades e não



apresentam subgrupos identificáveis. Finalmente, os "gângues especializados" são territoriais, são pequenos, sem subgrupos e os seus membros são geralmente da mesma faixa etária, focando a sua actividade em determinados delitos.

Desde o início de 1980, os gângues parecem ter vindo a aumentar nos Estados Unidos, havendo em cada estado gângues e violência de gângues (Spergel, 1990). De acordo com a Pesquisa Nacional da Juventude de Gangue em 1996, existem 30.818 gângues e cerca de 846.428 membros (Daily, 2000; Gaffney, 1999). Cerca de 71 por cento dos membros tem idades compreendidas entre os 15 e os 24 anos (Pesquisa Nacional gangue juvenil de 1996, Venkatesh, 1999).

Esforços consideráveis têm sido feitos por parte dos criminólogos interessados em gângues para explicar o porquê da sua existência (e.g., Hartjen, 1943). Na tentativa de responder a esta questão, Duffy (2004) observa que um elemento comum dos membros de gângues em diversas sociedades parece ser a marginalização. Rapazes jovens, economicamente excluídos, são susceptíveis de ser marginalizados envolvendo-se com membros de gângues. Geralmente os membros dos gângues têm características semelhantes, que vão desde falhas na escola, famílias desestruturadas, problemas comportamentais, baixa auto-estima, ou uma história de abuso e negligência familiar (Gaffney, 1999).

### ***1.2. Teorias Sociológicas do comportamento criminal***

Uma série de teorias têm procurado explicar o porquê dos grupos de jovens marginalizados se envolverem gângues ou o porquê de algumas sociedades produzirem condições para que tais grupos sejam predominantes e generalizados. De uma forma geral, é sugerido que determinadas condições socioeconómicas são responsáveis pela formação dos gângues (Curry & Decker, 1998; Decker & Van Winkle, 2001; Short, 1968).

Um argumento fundamentado nas teorias de Durkheim (1897) e Merton (1938), sugere o conceito de anomia, sendo que uma condição básica para a formação do gangue é a rápida mudança social, especialmente o que se relaciona com a modernização, industrialização e urbanização. Émile Durkheim (1893), desenvolveu teorias sociológicas sobre gângues e sub-culturas, sugerindo que nenhuma sociedade pode existir sem um nível de desvio: se forem erradicadas todas as formas de crime e desvio numa sociedade, de seguida, a sociedade define outros tipos de actividades como crime.

Segundo Durkheim (1895) não há nenhuma sociedade que não seja confrontada com o problema da criminalidade, sendo um factor de saúde pública, uma parte integral de todas as sociedades saudáveis. A definição do normal não é possível em si, excepto definindo o que é anormal ou inaceitável, desvio ou desviante.

Na sua obra "Le Suicide", Durkheim (1897) acrescentou a terceira proposição da sua teoria, defendendo que um estado de anomia (ausência de normas) causa a forma final do desvio, o suicídio. A perda do sentido, da possibilidade de realização, e do propósito da vida, quebra o vínculo entre o indivíduo e a sociedade. É impossível o indivíduo sobreviver neste estado, pondo termo à sua vida.

A partir destas três proposições, o sociólogo norte-americano Robert K. Merton (1938) argumenta que um estado de anomia pode ocorrer em diferentes lugares, tempos e níveis dentro de uma estrutura social (sociedade) dando origem a diferentes modos de adaptação do indivíduo à situação disfuncional.

A tipologia de Merton (1968), relativa aos modos de adaptação, argumenta que qualquer papel / estatuto na sociedade pode ser identificado como um conjunto de metas culturais e meios institucionais legítimos para a sua realização. Por exemplo, para se ser médico tem que se ter um objectivo cultural – curar pessoas doentes – e que ter cumprido os meios legítimos para alcançar essa meta, e para tal, procede-se a uma educação geral e especificada na ciência médica. A tal papel é dado um estatuto, prestígio e honra na sociedade, e é apresentado aos jovens como uma profissão respeitada e um objectivo a atingir. Mas nem todos os jovens, argumentou Merton (1968), têm igualdade de acesso aos meios legítimos, nem têm a oportunidade de conseguir os objectivos propostos. Esta situação é aplicada particularmente aos jovens provenientes de classes desfavorecidas. Merton (1968) sugeriu que este estado de dissociação entre os objectivos culturais e meios legítimos (um estado de anomia) iria produzir respostas diferentes ou modos de adaptação, dependendo das características e circunstâncias individuais e sociais.

A conformidade é a resposta normal do jovem com acesso aos meios para a realização dos objectivos - regularmente frequenta a escola, é esforçado, é educado por adultos, obedece à lei, sendo esta a imagem do adolescente ideal. Confrontado com ausência de meios e de oportunidades, o “jovem inovador” aceita metas culturais, os símbolos do estatuto de uma sociedade moderna representada, por exemplo, por - automóveis, roupas da moda e dinheiro. O problema que se lhe coloca é como atingir os objectivos e adquirir os símbolos da realização desse tipo. A sua solução é qualquer meio, criminal ou não, que esteja disponível. O terceiro tipo de adaptação é a “ritualização”, onde os objectivos são abandonados, mas o indivíduo tenta alcançar o sucesso através de meios legítimos, sabendo que os objectivos nunca poderão ser alcançados. Este tipo corresponde ao abandono das aspirações ao sucesso e a sua substituição por objectivos mais modestos que se tentam atingir quase de forma compulsiva – e portanto ritualista – através de um trabalho contínuo e persistente. Evita, assim, ao máximo, correr riscos, centrando-se unicamente nas suas rotinas diárias. O quarto tipo é o “retraimento”, que ocorre quando o indivíduo abandona os objectivos e os meios, e corresponde a um abandono e fuga em relação à sociedade em função de um voltar-se sobre si próprio. O quinto e último tipo é a “revolta”, em que o indivíduo com objectivos e meios definidos, desiste deles, substituindo-os por outros. Está associado à rejeição das expectativas sociais existentes, nomeadamente que o sucesso só se atinge através do trabalho árduo e persistente, lutando por impor uma nova ordem de objectivos e meios para os atingir.

Intimamente ligada a esta ideia é a noção de que os gangues são comuns em sociedades onde existe uma imigração extensa, ou por deslocamentos da população na sociedade (por exemplo, do meio rural para a cidade) ou de migração em larga escala de pessoas de outras sociedades para o país

de acolhimento ou localidade. Para os emigrantes, a marginalização é uma experiência comum, especialmente entre os jovens do sexo masculino.

Os teóricos marxistas sugerem que "as desigualdades inerentes e as classes sociais presentes nas economias capitalistas criam condições sócio-económicas propícias para a formação de gangues" (Covey, 2003, p. 12). Em parte, o gangue delinquente é um tipo de adaptação social às desigualdades económicas produzidas pelo capitalismo.

Um outro argumento combina as ideias da oportunidade diferencial de Cloward e Ohlin (1960), considerada como "a teoria da oportunidade" (Bartol, 1980; Lilly, Cullen, & Ball, 1989; Shoemaker, 1984), que tem como pressupostos básicos (1) as aspirações económicas limitadas e bloqueadas geram frustração e auto-estima negativa, e (2) essas frustrações propiciam os jovens a formar grupos que variam no tipo, com uma perspectiva económica marxista que sugere que "os gangues são simplesmente um mecanismo usado para tirar proveito da ausência de oportunidades económicas legítimas num clima de riqueza excedente" (Covey, 2003, p. 12).

Cohen (1955) desenvolveu uma teoria geral das subculturas através da observação da formação do gangue delinquente e do seu comportamento, agrupando-a em cinco categorias: prevalência, origens, processo, objectivos e problema (Lilly et al., 1989; Martin, Mutchnick, & Austin, 1990; Reid, 1990; Shoemaker, 1984). A prevalência refere-se à distribuição desigual da delinquência entre os estratos de classe na sociedade. De acordo com Cohen (1955), os membros de gangue, a partir da extremidade inferior da escala socioeconómica encontram dificuldades em conformidade com a sociedade dominante, que em grande parte os rejeita.

O aparecimento de subculturas foi uma alternativa para várias pessoas, devido à sua rejeição mútua, constituindo uma resposta a um problema comum. A negação de normas sociais é uma característica definidora de uma subcultura e gera conflitos culturais (Vetter & Silverman, 1980). Devido às limitações estruturais da sociedade, os jovens de classe baixa experienciam um processo de socialização que desvaloriza o sucesso na sala de aula, desvalorizam as gratificações, o planeamento a longo prazo, e o cultivo da "etiqueta" obrigatória para sobrevivência no campo social e profissional (Cohen, 1955). Cohen (1955) também observou que jovens da classe baixa, em geral, não participam em actividades de lazer saudáveis, optando por actividades tipificadas por agressão física, e por conseguinte, baixo desenvolvimento das habilidades intelectuais e sociais, valorizados na sua cultura. A experiência da aprendizagem dos indivíduos de classe baixa deixa-os mal preparados, diz Cohen (1995), para competir num mundo destinado à "classe média", um conceito que capta a essência do conflito cultural. As deficiências são mais perceptíveis na sala de aula, onde os jovens de classe baixa são frequentemente ofuscados e desprezados pelos seus colegas de classe média. Integrar um gangue delinquente é uma forma de adaptação normal para a frustração social decorrente da discordância cultural.

Cloward e Ohlin (1960) seguiram a hipótese de Cohen (1955), oferecendo uma teoria mais detalhada relativamente ao surgimento das subculturas e da natureza de grupos desviantes, através de

uma tipologia de gangues. A premissa básica de Cloward e Ohlin (1960) é que os adolescentes de classe baixa percebem que têm poucas oportunidades para terem um futuro de sucesso, devido aos padrões normativos e, portanto, recorrem a participação em gangues. Os indivíduos reagem à frustração do fracasso culpando a sociedade, mais do que aos próprios. Parte dessa racionalização, inclui justificar a actividade ilegal como sendo uma actividade de sucesso. Os modelos para os jovens de classe baixa, não são os profissionais formais que os jovens de classe média procuram imitar, mas sim, os bandidos oportunistas e criminosos que se encontram no seu ambiente imediato. Essa influência ecológica (Shaw & McKay, 1942) sugere que os jovens aprendem que o crime é uma opção atractiva num ambiente economicamente deprimido.

Edwin Sutherland (1947) desenvolveu uma teoria, designada a teoria da associação diferencial, conhecida como a teoria de aprendizagem do crime, em que explica os processos pelos quais os indivíduos aprendem a comportar-se em contradição com as leis, sendo constituída por nove postulados.

1. O comportamento criminoso é aprendido.
2. O comportamento é aprendido em interacção com outras pessoas através de um processo de comunicação.
3. A parte principal da aprendizagem do comportamento criminoso ocorre na intimidade dos grupos.
4. Quando o comportamento criminoso é aprendido, a aprendizagem inclui técnicas de cometer crimes.
5. Os objectivos específicos dos motivos do crime são apreendidos a partir de definições de códigos legais, favoráveis ou desfavoráveis.
6. Uma pessoa torna-se delinquente por causa de um excesso de definições favoráveis à violação da lei relativamente às definições desfavoráveis à violação da lei.
7. Associações diferenciais podem variar em frequência, duração, período e intensidade.
8. O processo de aprender comportamentos criminosos por associação criminosa e anti-criminal envolve padrões comuns a todos os mecanismos que estão envolvidos em qualquer outro processo de aprendizagem.
9. Embora o comportamento criminal seja uma expressão das necessidades gerais e valores, não é explicado por essas necessidades gerais e valores, uma vez que o comportamento não criminoso é uma expressão dessas mesmas necessidades e valores.

Sutherland (1947) estava ciente da importância da desorganização social, no contexto estrutural do crime, mas estava mais interessado nos processos de aprendizagem social do que em fazer previsões sobre a criminalidade. O autor (1947) afirma que os indivíduos variam em termos das interacções que têm com aqueles que têm definições favoráveis à violação da lei, e portanto, nem todos aqueles que têm interacções com colegas delinquentes são susceptíveis de tornarem-se criminosos. O factor chave é a variação na frequência, duração, período e intensidade dos contactos

com os colegas criminosos. Portanto, a constante interacção com pares criminosos, por um longo período de tempo, e a importância dada aos valores desviantes pelo indivíduo, são a chave para a libertação da criminalidade na teoria da associação diferencial.

Cloward e Ohlin (1960) notaram que nem todos os jovens têm as habilidades e a postura necessária, para integrarem o gangue, que selecciona potenciais membros para determinados crimes, e a vontade para se conformarem com um código de valores necessários para o sucesso do grupo. As características obrigatórias incluem o auto-controle, a demonstração de solidariedade para com o grupo e o desejo de desenvolver actividade criminal (Bartol, 1980).

Os autores da teoria do auto-controle, Gottfredson e Hirschi (1990) especificam duas causas para a acção desviante: o conceito de auto-controle (mais especificamente, baixo auto-controle), que se refere à tendência das pessoas para basearem o seu comportamento nas consequências positivas do seu comportamento a curto prazo, e por outro lado à incapacidade de considerarem a longo prazo as consequências negativas das suas acções. Presumivelmente, as pessoas com baixos valores em termos de auto-controle tendem a ter inúmeras formas de acção desviante. Na elaboração desta definição, os autores descrevem as características das pessoas com baixo auto – controle: essas pessoas mostram uma forte orientação para o aqui e agora (impulsividade), não se importam com os outros, evidenciam pouca precisão, persistência e confiabilidade (tarefas simples), são aventureiras (em busca do risco), são empenhados em acções físicas (actividade física), são indiferentes e insensíveis em relação aos outros (centrados em si próprios), e tem baixa tolerância à frustração (raiva). Segundo a teoria do auto-controle, a acção desviante ocorre quando uma pessoa com baixo auto-controle é confrontada com uma oportunidade adequada para o crime.

O gangue criminoso gira em torno do roubo num contexto social e o acto desviante em si serve para reforçar positivamente a cooperação mútua e a dependência entre os jovens e o gangue. Porque alguns jovens são impedidos pelos gangues de roubarem, estes envolvem-se em torno do comportamento violento. Este tipo de subgrupo é chamado de "gangue conflituoso" (Cloward & Ohlin, 1960) e é muitas vezes o resultado de uma ausência de modelos adultos.

Comportamento violento, como lutas, incêndios e vandalismo grave, são imputáveis a um factor sociológico, a ausência de controlo social. A falta de interesse dos adultos num futuro de sucesso ou fracasso de seus filhos e de outros jovens do sexo masculino do bairro, simboliza a rejeição, a adaptação que é a “exploração de alternativas não-conformistas” (Cloward & Ohlin, 1960, p. 86). Embora todos os três tipos de gangue surjam de bairros socioeconómicos menos favorecidos, a forma particular que o gangue assume está relacionada com o grau de organização das actividades lícitas e ilícitas na área.

Cloward e Ohlin (1960) também observam que alguns jovens não são nem violentos, nem bem-sucedidos no mundo criminal, recorrendo a uma terceira variedade de gangues, caracterizada pelo uso de drogas (Cloward & Ohlin, 1960, p. 183). Os membros deste tipo de gangue, comparativamente desorganizado, voltam-se para as drogas como uma fuga da frustração social. Os membros do gangue

que integram o grupo não seleccionam de uma forma realista o tipo de crime que vão cometer (furto, vandalismo ou uso de drogas), porque através de uma filiação consciente com determinado tipo de gangue, cometem os crimes que por eles forem perpetrados, podendo exercer uma totalidade ou uma combinação desses comportamentos.

Em suma, Cloward e Ohlin (1960) seguiram uma tradição, vendo a sociedade como um mecanismo de constrangimento que solicita os jovens de classe baixa a responderem, levando-os a formarem gangues. O tipo de gangue a que os jovens frustrados se juntam, nesta visão, é dependente da estrutura da oportunidade existente num bairro e da mistura de valores criminais observados nos modelos adultos.

Comuns a todas estas ideias são as noções que as mudanças socioeconómicas e a desigualdade são os fundamentos para o desenvolvimento de gangues delinquentes e para o seu provável comportamento.

Embora as formas dos gangues possam variar de muitas formas em todo o mundo, é inegável que os gangues delinquentes são compostos por indivíduos que são, por qualquer motivo, excluídos e têm poucas hipóteses de se tornarem parte das sociedades centrais em que se encontram (Duffy, 2004; Hérault & Adesanmi, 1997; Werdmölder, 1997).

### ***1.3. Membros de gangues***

Apesar de gangues delinquentes e organizações como gangues serem muito variados, os indivíduos que compõem a associação destas organizações são muito semelhantes em todo o mundo (Klein, 2001a, 2001 b). Os membros do gangue são maioritariamente do sexo masculino. Gangues femininas são raras e, quando existem, procuram muitas vezes imitar retratos de gangues masculinos, sendo geralmente constituídos por poucos indivíduos e a sua existência de curta duração.

Nos Estados Unidos, os relatórios das actividades de gangues nas áreas suburbanas e rurais têm aumentado nas últimas décadas. No entanto, globalmente, os gangues delinquentes são predominantemente um fenómeno do centro da cidade. Embora a faixa etária dos membros dos gangues seja extensa (desde pré-adolescentes a adultos, em alguns casos), o mais comum, são os jovens que participam activamente, que se identificam como membros de gangues delinquentes, geralmente adolescentes entre os 14 e os 19 anos de idade. Significativamente, em quase todos os lugares, os membros do gangue provêm de famílias economicamente carenciadas e de localidades compostas maioritariamente por minorias étnicas (Klein, 2001a, 2001 b).

O membro de gangue protótipo é, portanto, um jovem pobre, do sexo masculino, geralmente de origem imigrante, proveniente de meio urbano, que reside numa área economicamente desfavorecida e provém de uma família desorganizada, abusiva e caracterizada pelo abuso de drogas. Os pais normalmente mantêm atitudes negativas em relação à sociedade e a autoridade, e os irmãos mais velhos são membros de gangues e / ou estão envolvidos em actividades criminais (Klein, 2001a, 2001 b).

Joan Moore (1993) compilou uma lista dos estereótipos mais comuns relativos aos membros de gangues, nos Estados Unidos:

1. São homens violentos, viciados em drogas e álcool, sexualmente hiperactivos, imprevisíveis e conflituosos.
2. São maioritariamente afro-americanos ou latino-americanos.
3. Residem em bairros do centro da cidade onde dominam, intimidam e roubam cidadãos inocentes.
4. Lidam com drogas.
5. "O gangue é um gangue é um gangue", por outras palavras, eles são todos iguais, ou "basta ver um que se vê os outros todos".
6. Não há ninguém bom nos gangues, são todos maus (consequência disto é que qualquer pessoa que se quer juntar a uma gangue deve ser estúpido ou louco).
7. Os gangues são basicamente empresas criminosas que os jovens integram com o objectivo de cometer crimes colectivamente. Há uma tendência para confundir a criminalidade individual e a criminalidade cometida em grupo.
8. A imagem de crianças agressivas, rebeldes, mas agradáveis, tem sido substituída nos últimos anos, pela imagem do gangue como uma organização muito disciplinada constituída por "soldados".

Yablonsky (1997) delineou seis categorias de membros de gangues, desenvolvidas a partir do contacto directo com os gangues de rua de Nova York, distinguindo os níveis adequados de participação e o nível concomitante de responsabilidade na condenação:

1. Veteranos que fazem parte do núcleo do gangue. Eles conquistaram o seu lugar e a sua reputação por pôr em prática as actividades violentas e ilegais do gangue.
2. *Gangsters* que estão no núcleo do gangue violento.
3. *Wannabes* ou membros aspirantes, normalmente adolescentes, que põem em prática, cometendo actos ou crimes necessários para serem reconhecidos, para a promoção ou inclusão no grupo superior.
4. *Groupies* são indivíduos que apareceram na periferia do grupo e que se situam em torno do grupo, imitando roupas ou gestos dos membros.
5. Moradores locais, jovens da mesma faixa etária dos membros do gangue, muitas vezes familiares ou amigos. Esses jovens foram considerados com parte total do grupo, quando os líderes estavam a recrutar indivíduos sendo muitas vezes "recrutados" à força.
6. Ex-membros de gangues que amadureceram fora da participação do gangue. Muitos gangues são populares pelos seus ex-membros, que agora estão casados e empregados.

#### ***1.4. Delinquência de Gangue***

A imagem comum de um gangue delincente é aquela de um grupo altamente organizado, de jovens bandidos étnicos dedicados à violência, às drogas, e praticamente a qualquer outra forma de criminalidade. Essa imagem pode espelhar alguns tipos de gangues ou grupos, mas eles variam muito ao nível da forma e da estrutura, bem como da natureza e extensão da actividade criminal cometida pelos seus membros (Klein, 2001a; Miller, Maxson, & Klein, 2001; Sarnecki, 1990, 2001).

Em comparação com outros jovens ofensores, os membros dos gangues delincentes parecem estar mais significativamente envolvidos na criminalidade do que os delinquentes não pertencentes a gangues, em termos de frequência e da gravidade do seu comportamento (Miller et al., 2001). Isto é especialmente verdadeiro a respeito do uso de drogas e da violência. Por um lado, os membros dos gangues são um fenómeno de auto-selecção, em que a criminalidade orienta os indivíduos (jovens orientados para a violência, drogas e comportamentos de indisciplina geral) e em que o comportamento colectivo simplesmente reflecte a predisposição criminal dos seus membros. Por outro lado, o comportamento dos membros do gangue é um reflexo da dinâmica do grupo que emana apoio mútuo e estímulo de gangue - uma espécie de "comportamento de manada". Sem dúvida, em certa medida, o gangue é atraente para os indivíduos propensos à delinquência, e participar na vida do gangue, tanto promove e fornece estatuto social como apoia o envolvimento em actos delinquentes, resultando em actos violentos e criminalidade generalizada.

Como observa Covey (2003, p. 222) "A cultura, a economia, a etnia, a raça, a linguagem e outras formas de combustível do preconceito e da discriminação são o mais observado na formação e manutenção dos gangues. O mundo está a marginalizar grandes populações de jovens que, quando confrontados com poucas oportunidades para o sucesso ou para a sobrevivência podem tornar-se membros de gangues, como se esta fosse a única solução".

#### ***1.5. Gangues como organizações***

Os gangues podem ser definidos como qualquer grupo social com permanência relativa ao longo do tempo (um ano ou mais), com regras implícitas que distinguem os seus membros dos indivíduos não-membros, com uma identidade comum na sociedade, e um envolvimento em actividades que são consideradas ilegítimas do ponto de vista das normas e valores sociais gerais em que estes grupos operam, estando frequentemente associados a actividades criminosas, que vão desde o roubo ao comércio ilegal de drogas e ao homicídio (Esbessen, 2000).

Em consequência, o discurso público sobre a actividade de gangue está geralmente associado ao contexto penal ou ao comportamento desviante. Esta abordagem tende a focar os indivíduos que são membros de gangues, e os factores que predizem o seu envolvimento em actividades criminosas ou desviantes levando-os a juntarem-se a gangues. No entanto, esta perspectiva centrada na justiça penal ignora uma distinção aparentemente óbvia entre as actividades de uma organização e a



actividade dos seus membros. Qualquer organização, sejam sindicatos ou associações patronais, pode atrair criminosos, mas isso não significa automaticamente que a organização em si tenha uma finalidade criminosa. Na verdade, a maioria delas são reconhecidas como entidades legítimas que apenas acidentalmente foram indevidamente utilizadas para fins criminais, por membros individuais (Esbensen, 2000).

A principal distinção entre as actividades dos indivíduos e as de uma organização reside na forma como os rendimentos das referidas actividades são distribuídos. Se os produtos são mantidos apenas por aqueles que estão directamente envolvidos nos seus contratos, por exemplo, traficantes de drogas que mantêm os proveitos da venda de drogas para si - indica actividade criminosa de membros individuais. Se, por outro lado, as receitas são transmitidas para a organização e distribuídos de acordo com o estatuto dos membros, em lugar do envolvimento directo nos seus contratos, isto sugere uma actividade de organização para além de membros individuais (Venkatesh & Levitt, 2000).

No caso de actividades de gangue, esta distinção é frequentemente difícil de estabelecer devido à sua natureza em grande parte informal, ilegal e secreta. No entanto, se a actividade criminosa é levada a cabo por membros individuais por sua própria conta, os gangues são como as organizações que agem simplesmente como clubes sociais proporcionando apoio social e "profissional" às pessoas que por acaso se dedicam a actividades ilegais. Este apoio consiste, nomeadamente, em contactos com potenciais parceiros de negócio, partilhando experiências e informações pertinentes, socialização, expressão de identidade comum, não sendo, portanto, os gangues fundamentalmente diferentes de outros tipos de associações. Deste ponto de vista, pode ser útil determinar se os gangues têm características de organizações associativas. As cinco características estruturais das associações da sociedade (Divisão de Estatísticas das Nações Unidas, 2003; Salamon & Anheier, 1996; Salamon, Sokolowski et al., 2004) incluem:

1. Existência de alguma forma de estrutura organizacional, que no mínimo requer a existência de regras formais ou costumes definidos pelos membros, e assegura a relativa permanência e continuidade da entidade, mesmo se existirem mudanças individuais dos membros ao longo do tempo;
2. Separação institucional do governo;
3. Não distribuição dos proveitos pelos accionistas;
4. Ser auto-governada (isto é, institucionalmente separada de outras organizações);
5. Não ser obrigatória, isto é, os indivíduos poderem optar por se tornarem ou deixarem de ser membros.

A maioria dos gangues tem alguma forma de estrutura organizacional. Têm regras (rituais de iniciação, disciplina, obrigações, hierarquia) formais ou informais definindo a sua filiação e a identidade colectiva e a permanência institucional. Têm também uma identidade claramente partilhada e articulada que distingue os seus membros de outros gangues ou grupos (Esbensen, 2000).

Os gangues são, obviamente, institucionalmente separados do governo, bem como de outras organizações. Mesmo que haja conexões informais ou relações entre um estabelecimento legítimo e gangues, essas relações são geralmente "à distância", dado a natureza ilícita das actividades dos gangues. A entrada no gangue é voluntária, os indivíduos unem-se a gangues por vontade própria, e abandonam-nos após um período relativamente curto de tempo, geralmente um ano, ou menos, após a adesão (Esbensen, 2000).

O carácter voluntário de participação no gangue pode ser comparado à participação em associações, que raramente está livre de influências externas. Muitas vezes existem fortes pressões sociais nas comunidades para participar em associações "adequadas" sendo por vezes exigido como condição, determinada prática profissional bem sucedida. Apesar de todas essas pressões, os indivíduos podem optar por não serem membros dessas associações, mesmo que essa escolha acarrete custos pessoais. Da mesma forma, apesar das pressões para aderir a gangues, a maioria dos membros das comunidades em risco escolhem não aderir ou desistir da sua adesão após um período relativamente curto de tempo (Esbensen, 2000).

Quanto ao critério da não distribuição dos benefícios, uma distinção deve ser feita entre actividades da organização e aquelas que são realizadas pelos seus membros, individualmente, por conta própria. Por definição, as actividades criminosas visam o proveito do indivíduo, a satisfação das suas necessidades, sejam estas de ordem económica, de excitação, de estatuto, entre outras (Esbensen, 2000).

Fazer a distinção entre estes dois tipos de actividade de gangues e demonstrá-lo na prática pode ser difícil, devido à natureza informal da organização e ao secretismo que rodeia as suas operações, mas estes dois aspectos das operações do gangue são conceitualmente separáveis. De facto, muitos, se não a maioria dos gangues podem ser considerados como associações, embora alguns deles ajam mais como organizações que distribuem os proveitos pelos seus membros (Esbensen, 2000).

Assim, dois pontos de vista têm dominado a discussão acerca da natureza da organização do gangue. O ponto de vista instrumental racional sustenta que os gangues são organizações racionais que agem de forma a aumentar o seu auto-interesse e comportam-se de maneira racional. A visão organizacional e estrutural do gangue pode ser perspectivada através da sua área de acção, como a venda de drogas, o uso de violência, intimidação dentro dos bairros, incluindo grafites e alguns delitos de propriedade. Esta perspectiva pode argumentar que os gangues traçam objectivos comuns, motivam outras pessoas para participar numa empresa comum, com uma estrutura de actividades monetárias. Esta abordagem das características organizacionais e estruturais do gangue enfatiza os aspectos da organização formal, racional e instrumental. Este ponto de vista dos gangues sublinha a sua natureza vertical, o papel do controlo interno sobre membros do grupo, e a disciplina em torno de metas bem estabelecidas (Mieczkowski, 1986; Taylor, 1990).

O segundo ponto de vista encara os gangues como estruturas mal organizadas e menos concentrados do que a visão racional - instrumental. Esta perspectiva argumenta que, embora os

ganges estejam unidos por várias características (nomes, símbolos, oposição), eles são melhor compreendidos pela sua organização difusa e pelas suas características estruturais. Além disso, esta abordagem aponta para que o uso do dinheiro gerado pela venda de drogas, roubo e crimes contra a propriedade realizados pelos membros do grupo e os lucros obtidos por tais actividades sejam utilizados para fins individuais (Fagan, 1989; Decker & Van Winkle, 1996; Hagedorn, 1988; Maxson, Klein, & Cunningham, 1992).

Maxson e Klein (1995) tentaram descrever as características do gangue como uma unidade organizacional, construindo uma tipologia de organização de gangue baseada em amostras de polícia e em diferentes entrevistas realizadas a membros de gangues, na qual estabeleceram quatro estruturas organizacionais de gangues:

1. Grupos espontâneos, pequenos em tamanho, que duravam apenas um curto espaço de tempo e muitas vezes eram especialistas em determinado tipo de crime;
2. Gangues violentos, onde a tónica principal do grupo era a "luta" e o assalto;
3. Gangues tradicionais, também conhecidos como verticais, gangues compostos por várias gerações, que compreendiam uma ampla faixa etária e que tinham uma criminalidade versátil;
4. Gangues horizontais, que eram temporários, e reduzidos dentro do bairro.

### ***1.6. Gangues delinquentes e vitimização***

Um dos mais robustos correlatos da delinquência é o da vitimização e o envolvimento em gangues. Comparando com jovens delinquentes não pertencentes a gangues, membros de gangues cometem níveis mais elevados de delinquência, estão envolvidos em maior e mais letal delinquência violenta, são mais susceptíveis de transportar e usar armas, têm menos apego convencional a instituições sociais, tem maior prevalência de uso de substâncias e de venda de drogas, e enfrentam maior mortalidade de alto risco, associada a actividades anti-sociais, tais como tiroteios (Bjerregaard, 2002; Curry & Spergel, 1988; Decker, 2007; Decker & Curry, 2000; DeLisi, 2003; DeLisi, Berg, & Hochstetler, 2004; Esbensen, Deschenes, & Winfree, 1999; Esbensen & Huizinga, 1991, 1993; Klein & Maxson, 2006; Maxson, Gordon, & Klein, 1985; McGloin, 2008; Miller & Decker, 2001; Taylor, 2008).

Huff (1998) relatou que os membros do gangue cometiam actos anti-sociais tais como crime contra o património, intimidação ou agressão em centros comerciais ou supermercados, consumo e vende de drogas na escola, agressão a professores na escola, significativamente superiores a jovens que não faziam parte de gangues. Estudos realizados por outros investigadores (e.g., DeLisi, Barnes, Beaver & Gibson, 2009) demonstraram que os membros do grupo tinham taxas superiores de ofensas comparados com adolescentes que não faziam parte dos gangues.

Outro relevante subproduto da actividade de gangue é a vitimização. Estudos recentes indicam pesquisas indicam que os jovens envolvidos em gangues sofrem taxas de vitimização violenta

significativamente maiores do que indivíduos que não fazem parte de gangues. Peterson, Taylor e Esbensen (2004), por exemplo, exploraram a vitimização no gangue e descobriram que os jovens que nunca tinham estado num gangue eram mais propensos a serem vítimas de crimes violentos graves. Além disso, o aumento do risco de vitimização violenta entre jovens integrados em gangues existe antes, durante e após o seu envolvimento em gangues. As formas mais graves de violência, vitimização agravada, assalto e roubos eram mais características de jovens pertencentes a gangues.

A ligação entre a participação no gangue e a vitimização tem sido atribuída a vários factores, incluindo, ao envolvimento em estilos de vida anti-sociais, à cultura normativa da vida do grupo, à estrutura organizacional dos gangues e à exposição diferencial aos pares violentos. Os membros de gangue podem ser alvo de maior risco de violência, podendo ser vítimas dos membros do seu próprio gangue. Os membros podem ser obrigados a participar em rituais de iniciação violentos quando entram ou saem do gangue (Peterson, Taylor, & Esbensen, 2004). Aproximadamente dois terços dos membros de gangues no estudo de Decker e Van Winkle (1996) relataram, que o seu processo de iniciação consistiu em "bater em". Embora o processo varie de gangue para gangue, os entrevistados frequentemente relataram um processo pelo qual os potenciais membros eram submetidos, que consistia em lutar contra vários membros do gangue actual, podendo os membros do gangue ser sujeitos a uma disciplina severa dos membros dos seus próprios gangues, por violar as regras do grupo.

Ironicamente, apesar do aumento do risco de vitimização que deriva do envolvimento com gangues, um estudo longitudinal de jovens constatou que entre 28% e 57% dos que se auto-identificavam como membros do grupo, indicaram que se juntaram ao gangue por motivo protecção (Peterson, Taylor, & Esbensen, 2004). Na sua análise da relação entre gangues jovens e vitimização violenta, Taylor (2008) concluiu que os gangues são muitas vezes uns “paraísos de violência” tanto em termos da perpetração do crime violento como de vitimização. Embora muitos jovens se juntem aos gangues à procura de protecção e segurança, a vitimização violenta aumenta após o ingresso destes jovens nos gangues.

Em suma, particularmente no caso de jovens pertencentes a gangues, ofender e vitimizar são dois lados da mesma moeda, na medida em que os indivíduos ao integrarem gangues, aumentam o envolvimento em actividades representativas de estilos de vida delinquentes, sugerindo que o risco de vitimização violenta também seja reforçado. Devido à forte sobreposição entre gangues e ofender, e entre agressor e vitimização é de esperar uma conexão entre gangues e vitimização. A filiação a gangues aumenta o risco individual de vitimização violenta, uma vez que os membros do gangue podem tornar-se vítimas de predadores, por ofender outros (Esbensen & Winfree, 1998; Howell & Decker, 1999; Howell & Gleason, 1999; Huff 1998; Maxson, 1995).

Para explicar a relação entre o estado do gangue na delinquência e a vitimização três hipóteses gerais foram avançadas (McGloin, 2008; Peterson et al. 2004; Thornberry et al., 1993).

A primeira diz respeito a um tipo de pessoa modelo, conhecido como o modelo de selecção, que argumenta que os adolescentes com grande propensão para a delinquência procuram gangues. Estes jovens já estão envolvidos em comportamentos anti-sociais e cometem crimes tanto envolvidos em gangues como sozinhos. No contexto da vitimização, os mesmos jovens que seleccionam ou procuram amigos delinquentes, gangues e oportunidades criminosas também estão expostos a uma maior probabilidade de ser vítima de um crime (McGloin, 2008; Peterson et al. 2004; Thornberry et al., 1993).

Uma segunda hipótese, o modelo de facilitação, concerne a uma espécie de grupo modelo, e sugere que a estrutura normativa do gangue, juntamente com os processos e dinâmicas do grupo, aumenta a extensão de violência e de delinquência entre os jovens de gangues. De acordo com o modelo de facilitação, a delinquência de um jovem vai aumentar durante o período de participação no gangue, e será menor, tanto antes como após o envolvimento em gangues. Neste modelo não há efeito de selecção (McGloin, 2008; Peterson et al. 2004; Thornberry et al., 1993).

Finalmente, o chamado modelo de valorização conhecido como o modelo de valorização, combina elementos do modelo de selecção e do modelo de facilitação. Segundo este modelo, adolescentes que já estão envolvidos em actos de delinquência estão geralmente mais aptos a fazer parte do gangue (selecção), mas depois de entrar, a sua delinquência tem tendência a aumentar significativamente (facilitação) (McGloin, 2008; Peterson et al. 2004; Thornberry et al., 1993).

A mesma lógica funciona para a vitimização: adolescentes que são mais vitimizados seleccionarão socialmente a entrada em gangues para protecção, mas uma vez que entram a sua vitimização aumenta (McGloin, 2008; Peterson et al. 2004; Thornberry et al., 1993).

Usando dados do Rochester Youth Development Study, Thornberry e colaboradores (1993) examinaram membros transitórios de gangues, ou aqueles que tiveram pelos menos dois anos de filiação ao grupo. Em geral, os autores concluíram que os jovens dos gangues eram mais anti-sociais do que os jovens não envolvidos em gangues.

A delinquência entre membros transitórios do grupo, apoia o modelo de facilitação, já que a sua conduta anti-social aumentou enquanto faziam parte do gangue e diminuiu depois de o abandonarem. Além disso, tanto os membros transitórios como os estáveis eram mais delinquentes enquanto faziam parte do gangue (Thornberry et al., 1993).

Os padrões de delinquência entre jovens estáveis do gangue suporta o modelo de valorização, uma vez que estes exibem altas taxas de delinquência geral, com ofensas mais pronunciadas durante a permanência no gangue (Thornberry et al., 1993).

Baseados no estudo de 858 sujeitos, Gordon, Lahey, Kawai, Loeber, Stouthamer-Loeber e Farrington (2004) comprovam o modelo de selecção, já que os jovens delinquentes eram mais propensos a ingressar nos gangues. No entanto, também forneceram indícios de facilitação, devido ao aumento da delinquência violenta, vandalismo, uso e venda de drogas, depois dos jovens se envolverem nos gangues.

Decker, Katz, & Webb (2008) examinaram recentemente a medida em que o nível de organização dentro do gangue afecta as ofensas e a vitimização, além da dinâmica dos modelos de selecção, facilitação e valorização. Os autores identificaram uma relação incremental entre a organização (hierarquia de liderança, reuniões, responsabilidades delegadas, símbolos de filiação) dentro do grupo e os seus efeitos sobre a delinquência e vitimização. Quanto mais organizado for o grupo, maior é a agressão e vitimização dos seus membros, uma vez que cometerão ofensas mais complexas, aumentando por sua vez, a exposição a um alto risco de vitimização.

## 2. MÉTODO

### 2.1. *Objectivos do Estudo*

O presente estudo tem como objectivo geral a caracterização da organização dos gangues e dos membros que os constituem, sendo estes indivíduos residentes no Distrito do Porto de nacionalidade portuguesa, que estejam ou tenham estado envolvidos em actividades criminais em contexto de gangue. Constituem objectivos específicos deste estudo a análise dos seguintes parâmetros:

1. Enquadramento sócio-demográfico (meio social de origem, percurso escolar e profissional, etc.).
2. Estudo anamnético (desenvolvimento psico-afectivo, vivência da socialização, entre outros).
3. Antecedentes criminais e prisionais dos membros dos gangues.
4. Grau de organização do gangue em que estão envolvidos.
5. Nível de envolvimento individual no crime.
6. Vitimização violenta a que estiveram e estão sujeitos.
7. Competências de auto-controle.
8. Caracterização tipológica do gangue.

### 2.2. *Participantes*

A amostra para este estudo inclui 47 indivíduos delinquentes, actualmente pertencentes a gangues, ou que estiveram directamente envolvidos em actividade de gangues e no crime cometido pelos gangues no passado. Todos os indivíduos desta amostra são homens de nacionalidade Portuguesa, e a actividade criminal a que o presente estudo se refere ocorreu no Distrito do Porto.

#### 2.2.1. *Variáveis sócio-demográficas*

A média de idades da amostra situou-se nos 27 anos, com um desvio padrão de 4.452. Os limites inferior e superior foram, respectivamente, 17 e 40 anos.

No que toca ao Estado Civil, verificou-se uma clara predominância dos indivíduos solteiros, separados ou divorciados (78.7%, n=37), por oposição a um número marcadamente inferior de indivíduos casados ou em união de facto (21.3%, n=10) (ver Tabela 1).

Tabela 1

*Estado Civil*

	Frequência	Percentagem
Solteiro	33	70.2
Casado/União de Facto	10	21.3
Separado/Divorciado	4	8.5
Total	47	100

Os sujeitos integrantes da amostra eram pouco diferenciados a nível académico. De facto, trinta e sete indivíduos (78.7%) concluíram os estudos apenas até ao terceiro ciclo do Ensino Básico, tendo apenas três indivíduos (6.4%) concluído a Licenciatura (ver Tabela 2).

Tabela 2

*Habilitações Literárias*

	Frequência	Percentagem
Inferior ao 1º ciclo	2	4.3
1º Ciclo	4	8.5
2º Ciclo	13	27.7
3º Ciclo	18	38.3
Ensino Secundário	7	14.9
Licenciatura	3	6.4
Total	47	100

A média de idades de abandono escolar da amostra situou-se nos 17 anos, com um desvio padrão de 2.876. Os limites inferiores e superiores foram, respectivamente, 12 e 26 anos.

De acordo com os sujeitos, os principais motivos que os levaram a abandonar a escola foram o descontentamento com a escola/dificuldades de aprendizagem (36.8%, n=14) e a expulsão da escola devido ao seu comportamento desviante (31.6%, n=12). Onze sujeitos (23.4%) referiram início da actividade profissional e quatro (8.5%) não especificaram o motivo.

Durante o período em que frequentaram a escola, 27 sujeitos (57.4%) mantiveram uma relação funcional com os professores, por oposição a 20 (42.6%), cuja relação era pautada pelo conflito e pela provocação, com agressões verbais e, em alguns momentos, físicas, de parte a parte.

No que diz respeito ao relacionamento com os colegas, este era harmonioso para 25 dos sujeitos (53.2%) para 18 (38.3%) dos indivíduos tratava-se de uma relação harmoniosa, marcada pela proximidade, e para 7 (14.9%) de uma relação harmoniosa, embora distante. Os restantes 22 indivíduos (46.8%) caracterizavam o seu relacionamento com os colegas como conflituoso, agressor, assumindo-se como um “bully”.



### 2.2.2. Variáveis do desenvolvimento pessoal

A grande maioria dos elementos da amostra (80.9%, n=38) descreveu o seu meio social de origem como desfavorecido e carenciado, sendo apenas uma minoria proveniente de um meio descrito como favorecido (ver Tabela 3).

Tabela 3

#### *Caracterização do meio Social*

	Frequência	Percentagem
Favorecido	9	19.1
Algo desfavorecido/carenciado	28	59.6
Francamente desfavorecido/carenciado	10	21.3
Total	47	100

De acordo com os sujeitos, na maioria dos casos (76.6%, n=36) estes estavam inseridos num meio em que observavam comportamentos violentos contra as pessoas.

As profissões que eram percepcionadas como profissões de sucesso no meio em que os sujeitos da nossa amostra estavam inseridos eram, na maioria dos casos (63.8%, n=30), profissões ditas normativas ou tradicionais (ver Tabela 4).

Tabela 4

#### *Profissões de Sucesso no Meio*

	Frequência	Percentagem
Profissões normativas ou tradicionais <sup>1</sup>	30	63.8
Profissões com conotação social desviante <sup>2</sup>	10	21.3
Ocupações claramente desviantes <sup>3</sup>	4	8.5
Nenhuma profissão	3	6.4
Total	47	100

O ambiente familiar foi caracterizado como disfuncional, sem maus-tratos por 23 sujeitos (48.9%). Treze dos sujeitos (27.7%) descreveram lares marcados pelo conflito, pelos maus-tratos físicos e psicológicos, num registo claramente disfuncional. Apenas onze dos indivíduos (23.4%) caracterizaram o seu ambiente familiar como harmonioso.

A maior parte dos sujeitos (66%, n=31) não tinha familiares com antecedentes criminais; os restantes 16 (34%) tinham familiares com historial de reclusão, por crimes de tipologia diversa.

<sup>1</sup> Profissões aceites socialmente (médico, advogado, engenheiro, jogador de futebol, mecânico, operário da construção civil).

<sup>2</sup> Profissões socialmente conotadas com actividades desviantes (segurança de discoteca ou bar, por exemplo).

<sup>3</sup> Profissões que vão contra a lei (traficante, exploração de prostitutas).

Ao nível das competências sociais, verificou-se que 44 sujeitos (93.6%) se consideraram indivíduos sociáveis, sendo que apenas 3 (6.4%) que se definiram como solitários e isolados.

Vinte e sete elementos da nossa amostra (57.4%) afirmaram terem-se sentido discriminados na infância, enquanto vinte indivíduos (42.6%) negam ter sido vítimas de discriminação.

Os tempos livres eram ocupados com o desporto por 23 indivíduos (48.9%), 16 (34%) preferiam comportamentos de lazer e/ou outros, e apenas 8 indivíduos (17%) relataram comportamentos desviantes.

No que diz respeito ao consumo de substâncias, 34 sujeitos (72.3% da amostra) afirmaram consumir álcool e drogas, enquanto 13 (27.7%) negaram quaisquer consumos.

Dos indivíduos consumidores de álcool, 19 (40.4%) começaram a consumir álcool antes dos 16 anos, e 14 (29.8%) começaram a consumir entre os dezasseis e os dezoito anos, havendo apenas um indivíduo (2.1%) que começou a consumir álcool com idade superior aos 18 anos (ver Tabela 5).

Tabela 5

*Idade com que começou a consumir álcool?*

	Frequência	Percentagem
Nunca consumiu álcool	13	27.7
<16	19	40.4
16 – 18	14	29.8
> 18	1	2.1
Total	47	100

Dos indivíduos consumidores de droga, o tipo de droga mais consumida era a cannabis (31.9%, n=15) seguida dos opiáceos (27.7%, n=11). Apenas 17% dos indivíduos consumidores, referiram consumir vários tipos de drogas (ver Tabela 6).

Tabela 6

*Tipo de droga consumida*

	Frequência	Percentagem
Canabinóides	15	31.9
Opiáceos	11	23.4
Nenhuma	13	27.7
Vários tipos	8	17.0
Total	47	100

Constatamos, portanto, que a maioria dos sujeitos provinha de um meio algo desfavorecido e carenciado, com um ambiente familiar disfuncional mas sem maus-tratos, havendo em alguns casos, familiares com antecedentes prisionais. Tratava-se, sobretudo, de indivíduos sociáveis, embora

desdiscriminados ao longo da infância. Constatamos ainda, que a nível dos comportamentos aditivos, a maioria dos sujeitos consumia álcool em excesso, drogas ou ambos.

### 2.2.3. Variáveis da trajectória criminal

A maioria dos sujeitos (76.6%, n=36) nunca tinha estado detido; 4 (8.5%) já tinha cumprido uma pena de seis a nove anos; 3 (6.4%) tinham cumprido penas inferiores a três anos, 3 (6.4%) penas entre três e seis anos, e apenas 1 (2.1%) tinha cumprido uma pena superior a nove anos.

Relativamente aos crimes contra pessoas cometidos pelos indivíduos, verifica-se uma predominância dos crimes de ofensa a integridade física (64.7%) seguidos de crimes de coacção (22.2%) (ver Tabela 7).

Tabela 7

#### *Crimes contra as pessoas*

		Frequência	Percentagem
Crime contra as pessoas	Ofensa à integridade física	11	64.7
	Coacção	4	23.5
	Sequestro	2	11.8
Total		17	100

No que se refere aos crimes contra a vida em sociedade cometidos pelos indivíduos, verifica-se a predominância de delitos estradais (53.8%), como por exemplo, condução sem habilitação (ver Tabela 8).

Tabela 8

#### *Crimes contra a vida em sociedade*

		Frequência	Percentagem
Crime contra a vida em sociedade	Outros	6	46.2
	Delitos Estradais	7	53.8
Total		13	100

Relativamente aos crimes contra o património, verifica-se uma igual percentagem de crimes de furto (48%) e de roubo (48%) (ver Tabela 9).

Tabela 9

*Crimes contra o património*

		Frequência	Percentagem
	Furto <sup>4</sup>	12	48
Crime contra o património	Roubo <sup>5</sup>	12	48
	Dano	1	4
Total		25	100

**2.2.4. Variáveis de envolvimento em gangues**

A maioria dos sujeitos (85.1%, n=40) referiu ter cometido o crime acompanhado, embora 7 sujeitos (14.9%) tenham referido cometer crimes de forma isolada.

De acordo com os sujeitos, os motivos que os levaram a juntar-se a alguém para o cometimento do crime foram maioritariamente o dinheiro (42.6%), seguido da oportunidade<sup>6</sup> (38.3%) e por fim o reconhecimento<sup>7</sup> (4.3%) (ver Tabela 10).

Tabela 10

*Motivos que levaram os indivíduos a juntarem-se a alguém para cometer o crime*

	Frequência	Percentagem
Dinheiro	20	42,6
Reconhecimento	2	4,3
Oportunidade	18	38,3
Não aplicável	7	14,9
Total	47	100

Na maioria dos casos (57.4%, n=27), e de acordo com os relatos dos sujeitos, estes terão conhecido os indivíduos com quem cometeram o crime por motivos específicos, de natureza criminal, 10 indivíduos (21.3%) por motivos específicos, de natureza não criminal e 10 indivíduos (21.3%) devido ao acaso.

Vinte e seis indivíduos (55.3%) afirmaram ser especializados em algum tipo de crime, enquanto vinte e um (44.7%) negaram qualquer tipo de especialização.

Segundo os sujeitos que se descreviam como especializados em algum tipo de crime, 9 sujeitos (19.1%) eram especializados em assaltos a ourivesarias, 8 (17%) em roubo, 5 (10.6%) em assaltos a farmácias, e 4 em assaltos indiferenciados (8.5%) (ver Tabela 11)

<sup>4</sup> Por furto entende-se o acto de roubar com presença de coacção.

<sup>5</sup> Por roubo entende-se o acto de roubar com ausência de coacção.

<sup>6</sup> Por oportunidade entende-se uma ocasião favorável que levou o indivíduo a juntar-se a alguém para cometer o crime.

<sup>7</sup> Por reconhecimento entende-se a necessidade de afirmação dentro do grupo.

Tabela 11

*Crimes em que eram especializados*

	Frequência	Percentagem
Assalto a Ourivesarias	9	19.1
Assalto a Farmácias	5	10.6
Assaltos Indiferenciados	4	8.5
Roubo	8	17
Nenhum	21	44.7
Total	47	100

Na grande maioria dos casos (93.6%, n=44) os ganhos dos crimes cometidos eram divididos entre os intervenientes directos; os restantes 3 indivíduos (6.4%) relataram dividir os ganhos com outros membros do gangue.

Uma parte substancial dos sujeitos (72.3%, n=34) afirmou que, apesar do risco, a vida criminal era mais vantajosa (ver Tabela 12).

Tabela 12

*Considera que, apesar do risco, é mais vantajosa a vida criminal?*

	Frequência	Percentagem
Não	13	27.7
Sim	34	72.3
Total	47	100

No que diz respeito à actividade de gangue no bairro onde os sujeitos residiam, 32 sujeitos (68.1%) afirmaram existir actividade de gangue, e apenas 15 (31.9%) negaram a sua existência.

A grande maioria dos sujeitos (74.5%, n=35) negou a existência de gangues rivais nos seus bairros.

Relativamente à existência de pressão dentro do bairro para fazer parte de algum gangue, 36 sujeitos (76.6% da amostra) afirmaram não existir qualquer pressão.

Já no que respeita a existência de problemas no bairro por causa de gangues, 33 sujeitos (70.2% da amostra) afirmaram existirem problemas (ver Tabela 13).

Tabela 13

*Há problemas no seu bairro por causa de gangues?*

	Frequência	Percentagem
Não	14	29.8
Sim	33	70.2
Total	47	100

Em suma, pode dizer-se que, na sua maioria, os sujeitos da nossa amostra cometiam os crimes acompanhados, motivados pelo dinheiro, sendo que os benefícios do crime eram divididos pelos seus intervenientes directos. Pode-se dizer ainda, que nos bairros de onde os sujeitos da nossa amostra são provenientes, existe actividade de gangue, sendo muitos dos problemas do bairro atribuídos à sua existência.

### **2.3. Procedimento**

Num primeiro momento, procedemos à selecção por conveniência de indivíduos pertencentes a gangues, que desenvolviam ou tinham desenvolvido no passado, actividades criminais no seu seio. Após a selecção, a cada um dos sujeitos foi explicada a finalidade do estudo, a metodologia utilizada, a confidencialidade dos dados fornecidos e o anonimato dos mesmos. Em seguida, cada um dos elementos da amostra foi entrevistado, sempre de forma individual, em condições de privacidade e confidencialidade.

As entrevistas semi-estruturadas foram realizadas com base num questionário por nós elaborado, constante de cerca de cem questões. A elaboração deste questionário visou a recolha o mais exhaustiva possível dos dados necessários a um conhecimento aprofundado não só dos ofensores pertencentes a gangues, através do estudo dos seus antecedentes familiares, pessoais, escolares, profissionais e relacionais, mas também dos crimes perpetrados por eles e do grau de organização do gangue a que pertencem, manifestada pela presença de líder, existência de regras e punições, responsabilidades para com o gangue, e vitimização violenta a que estão sujeitos, entre outros. Foram parâmetros de avaliação/caracterização:

1. Antecedentes familiares (relacionamento com os diferentes elementos da família de origem, antecedentes criminais/judiciais, consumos);
2. Percurso escolar;
3. Desenvolvimento pessoal (caracterização do meio social envolvente, do ambiente familiar e da inserção do indivíduo, vivência da socialização, vivência afectiva/amorosa, antecedentes criminais/judiciais, consumos);
4. Trajectória criminal (número de detenções, crimes cometidos, pena cumprida);
5. Envolvimento em gangues (actividade de gangue no bairro, gangues rivais no bairro, pressão para se envolverem em algum gangue, problemas no bairro por causa de gangues);
6. Organização do gangue (existência de um líder, recrutamento de novos membros, poder de tomar decisões, reuniões regulares, regras, punições para se as regras forem quebradas, responsabilidades para com o gangue, doação de dinheiro ao gangue, proveito dos crimes efectuados, associação a outros gangues para o cometimento de crimes);
7. Vitimização violenta (ter sido ameaçado com uma arma, ter sido alvejado, ter sido assaltado e espancado);

8. Venda de estupefacientes (venda de estupefacientes e venda de estupefacientes para outros traficantes).
9. Crime violento (o gangue intimidar ou ameaçar outras pessoas, assaltar pessoas, disparar contra alguém, matara alguém, e se todos os membros do gangue serem violentos).
10. Auto-controle (agir no impulso do momento sem parar para pensar, assumir os riscos por divertimento).

A quantidade e diversidade dos dados recolhidos permitiu-nos uma visão mais global de cada um dos indivíduos, assim como um conhecimento mais aprofundado da sua vivência, desde a infância até ao momento actual. Contudo, optámos por não trabalhar todos os dados recolhidos, centrando-nos naqueles que se nos afiguraram como mais relevantes e mais fiáveis do ponto de vista da fundamentação. Assim, aquelas questões que apelavam exclusivamente ao juízo subjectivo, à opinião do indivíduo foram retiradas. Da mesma foram, foram também excluídas questões às quais muitos dos indivíduos não sabiam responder com precisão, como é o caso do número total de vítimas durante o seu envolvimento no gangue.

### 3. RESULTADOS

#### 3.1. Organização dos gangues

A maioria dos sujeitos (83%,  $n=39$ ) relatou pertencer a gangues organizados<sup>8</sup>, enquanto os restantes (17.9%) referiram ser membros de gangues desorganizados.

A maior parte dos membros de gangues organizados (77%,  $n=30$ ) afirmou existir um líder no gangue em que estavam inseridos, enquanto 7 (87.5%) membros de gangue desorganizado negaram a existência de um líder. Conforme se pode verificar na Tabela 14, a existência de um líder é mais provável nos gangues organizados do que nos gangues desorganizados ( $X^2 = 12.270$ ,  $p < .001$ ).

Tabela 14

*Comparação entre membros de gangues organizados e membros de gangues desorganizados relativamente à existência de líder*

O gangue tem um líder?	Gangue desorganizado		Gangue organizado		$X^2$	Sig.
	N	%	N	%		
Não	7	87.5	9	23		
Sim	1	12.5	30	77	12.270	.000
Total	8	100	39	100		

A maioria dos indivíduos de gangues organizados (64.1%) afirmou que o líder do gangue era eleito com base no seu “currículo”. Este tipo de eleição era mais provável nos gangues organizados, enquanto os gangues desorganizados, na sua maioria não tinham líder ( $X^2 = 12.314$ ,  $p = .002$ ) (ver Tabela 15).

<sup>8</sup> Segundo a perspectiva dos indivíduos



Tabela 15

*Comparação entre membros de gangues organizados e membros de gangues desorganizadas relativamente à selecção do líder*

Como é eleito o líder?	Gangue desorganizado		Gangue organizado		X <sup>2</sup>	Sig.
	N	%	N	%		
“Curriculum” <sup>9</sup>	1	12.5	25	64.1	12,314	0.002
Cadastro <sup>10</sup>	0	0	5	12.9		
Não há líder	7	87.5	9	23		
Total	8	100	39	100		

Como se observa na Tabela 16, o principal meio de recrutamento dos gangues organizados era feito através do “curriculum” (48.8%, n=19), enquanto nos gangues desorganizadas o método predominante de selecção privilegiava a amizade (50%, n=4) ( $X^2 = 23.829$ ,  $p < .001$ ).

Tabela 16

*Comparação entre membros de gangues organizadas e membros de gangues desorganizadas relativamente ao recrutamento de novos membros*

Como recrutavam novos membros?	Gangue desorganizado		Gangue organizado		X <sup>2</sup>	Sig.
	N	%	N	%		
“Curriculum”	0	0	19	48.8	23.829	.000
Anúncios no jornal	0	0	2	5.1		
Amigos	4	50	18	46		
Sem resposta	4	50	0	0		
Total	8	100	39	100		

Como evidencia a tabela 17, no gangue organizado nem todos os membros têm o mesmo poder para tomar decisões (71.8%, n=28), enquanto no gangue desorganizado a grande maioria (87.5%, n=7) tem todo o mesmo poder para tomar decisões ( $X^2 = 9.877$ ,  $p = .002$ ).

<sup>9</sup> Por curriculum entende-se o número total de crimes cometidos pelo indivíduo ao longo da sua carreira criminal.

<sup>10</sup> Por cadastro entende-se o número de condenações a que o indivíduo esteve sujeito, pelos crimes que cometeu.

Tabela 17

*Comparação entre membros de gangues organizados e membros de gangues desorganizados relativamente ao poder para tomar decisões*

Todos tinham o mesmo poder para tomar decisões?	Gangue desorganizado		Gangue organizado		$X^2$	Sig.
	N	%	N	%		
Não	1	12.5	28	71.8	9.877	.002
Sim	7	87.5	11	28.2		
Total	8	100	39	100		

A maioria dos membros dos gangues organizados (61.5%, n=24) e dos membros dos gangues desorganizados (87.5%, n=7), não tinham reuniões regulares. Não foram encontradas diferenças significativas a este nível entre estes dois tipos de gangues ( $X^2 = 0.234$ ,  $p = .159$ ).

No que respeita à existência de regras dentro do gangue, 34 indivíduos membros de gangues organizados (87.1%) afirmaram a existência de regras no gangue em que estavam inseridos, enquanto a grande maioria dos membros de gangues desorganizados (87.5%, n=7) negaram a sua existência. A existência de regras é mais provável nos gangues organizados do que nos gangues desorganizados ( $X^2 = 12.270$ ,  $p < .001$ ).

Na grande maioria dos casos dos indivíduos de gangues organizados (74.3%, n = 29) e dos indivíduos de gangues desorganizados (100%, n=8) os ganhos dos crimes eram apenas para proveito do grupo. Não foram encontradas diferenças significativas entre os dois tipos de gangues ( $X^2 = 2.606$ ,  $p = .106$ ).

Como se pode constatar na Tabela 18 no que concerne à associação a outro grupo para benefício geral do gangue, 28 sujeitos membros de gangues organizados (71.7%) afirmaram ser possível essa associação, inviável nos gangues desorganizados (100%, n=8) ( $X^2 = 14.208$   $p < .001$ ).

Tabela 18

*Comparação entre membros de gangues organizados e membros de gangues desorganizados relativamente à associação a outro grupo para benefício geral*

Se houver consenso vocês associam-se a outro grupo para benefício geral?	Gangue desorganizado		Gangue organizado		$X^2$	Sig.
	N	%	N	%		
Não	8	100	11	28.3	14.208	.000
Sim	0	0	28	71.7		
Total	8	100	39	100		

### 3.2. Vitimização violenta

Como mostra a tabela 19, a maioria dos sujeitos pertencentes a gangues organizados (79.5%, n=31) afirmou já ter sido ameaçado com uma arma de fogo; enquanto 6 indivíduos (75%) pertencentes a gangues desorganizados nunca o tinham sido. Membros de gangues organizados têm maior probabilidade de ser ameaçados com uma arma de fogo ( $X^2 = 9.423$ ,  $p = .002$ ).

Tabela 19

*Comparação entre membros de gangues organizados e membros de gangues desorganizados relativamente a ameaças com arma de fogo*

Já foi ameaçado com uma arma de fogo?	Gangue desorganizado		Gangue organizado		$X^2$	Sig.
	N	%	N	%		
Não	6	75	8	20.5		
Sim	2	25	31	79.5	9.423	.002
Total	8	100	39	100		

Na maioria dos casos, os indivíduos membros de gangues organizados (66.7%, n=29) e os indivíduos pertencentes a gangues desorganizados (87.5%, n=7) nunca tinham sido alvejados. Não foram encontradas diferenças significativas entre os dois tipos de gangues ( $X^2 = 1.378$ ,  $p = .241$ ).

Nos indivíduos membros de gangues organizados, a grande maioria (97.4%, n=38) já tinham sido ameaçada com outro tipo de arma, enquanto a grande maioria dos indivíduos pertencentes a gangues desorganizados (75%, n=6) nunca o tinha sido. Membros de gangue organizados têm maior probabilidade de ser ameaçados com outro tipo de arma ( $X^2 = 27.479$ ,  $p < .000$ ).

Os indivíduos membros de gangues organizados (64.1%, n=25) têm maior probabilidade de ser feridos com outro tipo de arma do que os indivíduos pertencentes a gangues desorganizados (0.0%, n=0) ( $X^2 = 10.956$ ,  $p = .001$ ).

Questionados acerca se já tinham sido espancados, 25 sujeitos (64.1%) membros de gangues afirmaram que sim, enquanto 7 sujeitos (87.5%) membros de gangue desorganizado afirmaram que não, verificando-se uma diferença significativa entre os dois tipos de gangues ( $X^2 = 7.152$ ,  $p = .007$ ) (ver Tabela 20).

Tabela 20

*Comparação entre membros de gangues organizados e membros de gangues desorganizados relativamente se já tinha sido espancados*

Já foi espancado?	Gangue desorganizado		Gangue organizado		$X^2$	Sig.
	N	%	N	%		
Não	7	87.5	14	35.9		
Sim	1	12.5	25	64.1	7.152	.007
Total	8	100	39	100		

Questionados acerca se já tinham sido assaltados, 22 sujeitos (56.4%) membros de gangues organizados afirmaram que sim, e a totalidade dos membros de gangues desorganizados afirmaram que não ( $X^2 = 8.484$ ,  $p = 0.004$ ), verificando-se uma diferença significativa entre os dois grupos (ver Tabela 21).

Tabela 21

*Comparação entre membros de gangues organizados e membros de gangues desorganizados relativamente se já tinham sido assaltados*

Já foi assaltado?	Gangue desorganizado		Gangue organizado		$X^2$	Sig.
	N	%	N	%		
Não	8	100	17	43.6		
Sim	0	0	22	56.4	8.484	.004
Total	8	100	39	100		

### 3.3. Venda de estupefacientes

De acordo com os sujeitos membros de gangues organizados, na maioria dos casos (87.2%,  $n=34$ ) vendiam estupefacientes, por oposição aos gangues desorganizados (12.5%,  $n=1$ ), sendo esta diferença altamente significativa ( $X^2 = 19.472$ ,  $p < 0.000$ ) (ver Tabela 22)

Tabela 22

*Comparação entre membros de gangues organizados e membros de gangues desorganizados relativamente à venda de estupefacientes*

O gangue vende estupefacientes?	Gangue desorganizado		Gangue organizado		$X^2$	Sig.
	N	%	N	%		
Não	7	87.5	5	12.8		
Sim	1	12.5	34	87.2	19.472	.000
Total	8	100	39	100		

A maioria dos sujeitos (66.7%, n=26) membros de gangues organizados e dos indivíduos membros de gangues desorganizados (87.5%, n=7) negou que o gangue vendesse estupefacientes para outros traficantes. Não foram encontradas diferenças significativas entre estes dois tipos de gangues ( $X^2 = 1.378$ ,  $p = .241$ ).

### 3.4. Crime violento

Trinta e seis (80.9%) dos indivíduos pertencentes a gangues organizados afirmaram que o gangue intimidava outras pessoas, enquanto que a maioria dos membros de gangues desorganizados (75%, n=6) negou este tipo de comportamento. Membros de gangues organizados têm maior probabilidade de intimidar outras pessoas ( $X^2 = 19.425$ ,  $p < .001$ ).

A grande maioria dos sujeitos (84.6%, n=33) membros de gangues organizados e dos sujeitos membros de gangues desorganizados (87.5%, n=7) afirmaram que o gangue roubava outras pessoas. Não foram encontradas diferenças significativas entre estes dois tipos de gangues ( $X^2 = 0.044$ ,  $p = .835$ ).

Uma parte substancial dos sujeitos (82%, n=32) membros de gangues organizados afirmou que o gangue atacava outras pessoas, enquanto apenas 2 indivíduos (25%) membros de gangues desorganizados o afirmaram. Esta diferença entre os dois grupos é significativa ( $X^2 = 10.798$ ,  $p = .001$ ).

Como se verifica na Tabela 23, vinte e nove sujeitos (63.8%) membros de gangues organizados afirmaram que o gangue estava envolvido em tiroteios, significativamente mais que os membros de gangues desorganizados (12.5%, n=1) ( $X^2 = 10.798$ ,  $p = .001$ ).

Tabela 23

*Comparação entre membros de gangues organizados e membros de gangues desorganizados relativamente à venda de estupefacientes*

O gangue está envolvido em tiroteios?	Gangue desorganizado		Gangue organizado		$X^2$	Sig.
	N	%	N	%		
Não	7	87.5	10	25.6		
Sim	1	12.5	29	74.4	11.002	.001
Total	8	100	39	100		

Apenas 10 sujeitos (25.6%) membros de gangues organizados afirmaram que o gangue já tinha morto alguém, não havendo nenhum membro de gangue desorganizado que o tenha afirmado ( $X^2 = 2.606$ ,  $p = .106$ ), não havendo por isso diferenças significativas entre os dois grupos (ver Tabela 24).

Tabela 24

*Comparação entre membros de gangues organizados e membros de gangues desorganizados relativamente se já tinham morto alguém*

O gangue já matou alguém?	Gangue desorganizado		Gangue organizado		$X^2$	Sig.
	N	%	N	%		
Não	8	100	29	74.4		
Sim	0	0	10	25.6	2.606	.106
Total	8	100	39	100		

A maioria dos indivíduos membros de gangues organizados (53.8%,  $n=21$ ) e dos indivíduos membros de gangues desorganizados (87.5%,  $n=7$ ) afirmaram que nem todos os membros do gangue eram violentos. Não foram encontradas diferenças significativas entre estes dois grupos ( $X^2 = 3.122$ ,  $p = .077$ ).

### 3.5. Auto-controle

Vinte e dois sujeitos (56.4%) membros de gangues organizados e cinco (62.5%) membros de gangues desorganizados afirmaram agir no impulso do momento, sem parar para pensar ( $X^2 = 0.101$ ,  $p = .751$ ) (ver Tabela 25).

Tabela 25

*Comparação entre membros de gangues organizados e membros de gangues desorganizados relativamente ao impulso para agir no momento.*

Costumo agir no impulso do momento?	Gangue desorganizado		Gangue organizado		$X^2$	Sig.
	N	%	N	%		
Não	3	37.5	17	43.6	0.101	.751
Sim	5	62.5	22	56.4		
Total	8	100	39	100		

De acordo com os sujeitos membros de gangues organizados (66.7%, n=26) e com os sujeitos membros de gangues desorganizados (62.5%, n=5) faziam o que queriam sem pensar nas consequências negativas a longo prazo. Não foram encontradas diferenças significativas entre estes dois tipos de gangues ( $X^2 = 0.051$ ,  $p = .821$ ).

Como mostra a tabela 26, a maioria dos membros do gangue organizado (69.2%, n=27) afirmou gostar de tarefas difíceis que os empurravam aos limites, enquanto apenas dois membros de gangues desorganizados (25%) o afirmaram. Membros de gangues organizados tem maior probabilidade de gostar de tarefas difíceis que os levam aos limites ( $X^2 = 5.496$ ,  $p = 0.019$ ).

Tabela 26

*Comparação entre membros de gangues organizados e membros de gangues desorganizados relativamente ao gosto por tarefas difíceis que os levam aos limites*

Eu gosto de tarefas difíceis que me empurrem aos limites?	Gangue desorganizado		Gangue organizado		$X^2$	Sig.
	N	%	N	%		
Não	6	75	12	30.8	5.496	.019
Sim	2	25	27	69.2		
Total	8	100	39	100		

A maioria dos sujeitos membros de gangues organizados (66.7%, n=26) e dos membros de gangues desorganizados (75%, n=6) afirmaram perder a paciência facilmente. Não foram encontradas diferenças significativas entre estes dois tipos de gangues ( $X^2 = 0.212$ ,  $p = .645$ ).

Vinte e oito sujeitos (71.8%) membros de gangue organizado afirmaram obter o que queriam mesmo que os outros se prejudicassem por causa disso, enquanto apenas três indivíduos (37.5%) membros de gangues desorganizados o afirmaram ( $X^2 = 3.477$ ,  $p = .062$ ) (ver Tabela 27).

Tabela 27

*Comparação entre membros de gangues organizados e membros de gangues desorganizados relativamente a obterem o que querem mesmo que os outros se prejudiquem.*

Normalmente tento obter o que quero mesmo que os outros se prejudiquem por causa disso?	Gangue desorganizado		Gangue organizado		X <sup>2</sup>	Sig.
	N	%	N	%		
Não	5	62.5	11	28.2	3.477	.062
Sim	3	37.5	28	71.8		
Total	8	100	39	100		

Questionados acerca se preferiam actividade mental em detrimento da actividade física, a grande maioria dos indivíduos membros de gangues organizados (89.8%, n=35) e dos indivíduos pertencentes a gangues desorganizados (87.5%, n=7) afirmou que não. Não foram encontradas diferenças significativas entre estes dois tipos de gangues ( $X^2 = 0.035$ ,  $p = .851$ ).

Mais de metade dos membros de gangues organizados (51.3%, n=20) e a grande maioria dos membros de gangues desorganizados (87.5%, n=7) afirmaram assumir pequenos riscos voluntariamente. Não foram encontradas diferenças significativas entre estes dois tipos de gangues ( $X^2 = 3.562$ ,  $p = .059$ ).

Em resumo, a maior parte dos elementos da amostra consideravam-se membros de um gangue organizado. As diferenças mais significativas encontradas entre estes dois tipos de organização de gangue dizem respeito à presença de um líder e à sua selecção, ao recrutamento de novos membros e a forma como este é feito, ao poder de tomar decisões, a existência de regras e a associação a um outro grupo para benefício geral. Em comum verificamos a ausência de reuniões entre estes dois tipos de organizações.

Os membros de gangues organizados cometiam ofensas mais graves do que os membros de gangue desorganizado e consequentemente os seus níveis de vitimização eram superiores. Roubar outras pessoas é a ofensa em comum entre estes dois tipos de gangues.

Verificamos ainda que tanto os membros de gangues organizados como os membros de gangues desorganizados são indivíduos impulsivos, com baixa tolerância à frustração e orientados para actividade física, embora os membros de gangues desorganizados fossem mais aventureiros e menos preocupados com os outros.



## 4. DISCUSSÃO

Após a apresentação dos resultados no ponto anterior, a discussão que se segue visa aprofundá-los, apresentando algumas hipóteses interpretativas, bem como debater os com relação ao referencial teórico.

### *4.1. Caracterização dos indivíduos da amostra*

Segundo Klein (2001a, 2001b), apesar dos gangues delinquentes e organizações como gangues serem muito variados, os indivíduos que compõem a associação destas organizações são muito semelhantes. A análise das respostas dadas ao questionário geral permite constatar que a maioria dos sujeitos era proveniente de um meio social algo desfavorecido e carente, onde observavam crimes e comportamentos violentos contra outras pessoas, tratando-se sobretudo de sujeitos pouco diferenciados a nível académico. Estes indicadores são encontrados em Curry e Decker (1998,) Decker e Van Winkle (2001) e Short (1968), que sugerem que determinadas condições socioeconómicas são responsáveis pela formação dos gangues.

Estes dados são também congruentes com o trabalho de Shaw e McKay (1942), que se referem a uma influência ecológica, na medida em que os modelos dos jovens de classe baixa não são os profissionais formais que os jovens de classe média procuram imitar, mas sim os bandidos oportunistas e criminosos que se encontram no seu ambiente imediato, aprendendo que o crime é uma opção atractiva num ambiente economicamente deprimido. Esta noção vai de encontro à teoria de Edwin Sutherland (1947), conhecida como a teoria da aprendizagem do crime, que explica os processos pelos quais os indivíduos aprendem a comportar-se em contradição com as leis.

A maioria da amostra escolarizou-se apenas até ao terceiro ciclo do ensino básico. Cohen (1995) explica a baixa escolaridade destes indivíduos através das limitações estruturais da sociedade, que fazem com que os jovens de classe baixa experienciem um processo de socialização que desvaloriza o sucesso na sala de aula, desvalorizam as gratificações, o planeamento a longo prazo, e o cultivo da “etiqueta” obrigatória para sobrevivência no campo social e profissional.

Apesar da sua baixa formação académica e do meio social desfavorecido de onde eram provenientes a maioria ostentava ter profissões de sucesso e bem aceite socialmente. Segundo Merton (1968), a ausência da oportunidade para conseguir os objectivos pretendidos levaria os indivíduos a procurarem outra forma de sucesso, através de qualquer meio, legítimo ou não, o que é consistente com a “teoria da oportunidade” desenvolvida por Cloward e Ohlin (1960), que tem como pressupostos básicos que as aspirações económicas limitadas e bloqueadas geram frustração e auto-estima negativa, e essas frustrações propiciam os jovens a formar grupos que variam no tipo.

Contrariamente aos resultados obtidos por Venkatesh (1999), que na sua investigação situava os membros de gangues em idades compreendidas entre os 15 e os 24 anos, a maioria dos sujeitos da

nossa amostra tinha cerca de 27 anos de idade. O relato das suas histórias de vida, em muitos casos, traduzia uma vivência familiar disfuncional, mas sem conflitos graves entre os progenitores ou restantes familiares, assim como uma socialização fácil e funcional, quer com os seus pares quer com os seus superiores. Por fim, os sujeitos que evidenciaram maiores dificuldades no contacto interpessoal, mantendo um relacionamento conflituoso com os seus pares, foram, conforme seria esperado, também os que se descreveram como mais isolados. Estes dados são congruentes com os resultados apresentados por Gaffney (1999), que refere que os membros dos gangues têm características semelhantes, desde falhas na escola, famílias desestruturadas, problemas comportamentais e baixa auto-estima; e também com os resultados de Cohen (1995) que afirma que as diferenças são mais perceptíveis na sala de aula, onde os jovens de classe baixa são frequentemente ofuscados e desprezados pelos seus colegas de classe média.

A maioria dos sujeitos estudados consumiam álcool e drogas, embora o consumo de drogas fosse mais frequente, indo de encontro aos estereótipos mais comuns relativos aos membros de gangues sintetizados por Joan Moore (1993), que afirma que os membros dos gangues eram percebidos como homens violentos, viciados em drogas e álcool, sexualmente hiperactivos, imprevisíveis e conflituosos e que lidavam com drogas.

A partir das características desenvolvidas por Joan Moore (1993), relativamente ao carácter imprevisível e conflituoso dos membros do gangue, bem como à sua hiperactividade (e potencial promiscuidade sexual), talvez se possa avançar uma explicação para o facto da maioria dos elementos da amostra, em termos afectivos e amorosos, serem solteiros.

De acordo com as descrições fornecidas pelos sujeitos, a maioria nunca tinha estado detido, apesar de todos terem já cometido algum tipo de crime. A maioria dos crimes por eles cometidos foram relativos a ofensas à integridade física, delitos estradais, furtos e roubos. Os estudos de Decker, Katz e Web (2007) afirmam que os indivíduos cometem mais crimes quando estão envolvidos num gangue do que quando não fazem parte de um grupo. Segundo Cloward e Ohlin (1960), o gangue gira em torno do roubo num contexto social e o acto desviante em si serve para reforçar positivamente a cooperação mútua e a dependência entre os jovens e o gangue. Como afirmam Reed e Decker (2002), no contexto de grupo, o comportamento do gangue pode apoiar e fornecer oportunidade para que os seus membros participem em comportamentos ilegais.

No que concerne ao envolvimento em gangues, Duffy (2004) observa que um elemento comum dos membros dos gangues em diversas sociedades parece ser a marginalização: rapazes jovens, economicamente excluídos, provenientes de bairros, são susceptíveis de ser marginalizados envolvendo-se com membros de gangues. Os nossos resultados são congruentes com a literatura na medida em que nos bairros de onde os sujeitos da nossa amostra são provenientes existe actividade de gangue, sendo muitos dos problemas do bairro atribuídos à sua existência. Os sujeitos da nossa amostra eram especializados em algum tipo de crime (assalto a ourivesarias e farmácias, roubo) e cometiam-nos de forma acompanhada, motivados pelo dinheiro, sendo que os benefícios do crime

eram divididos pelos seus intervenientes. Estes resultados sugerem-nos que estamos na presença de membros individuais de gangues, que actuam por sua própria conta, pelo facto de não partilharem os ganhos com a organização (Esbensen, 2000). Segundo Klein (2001 a), este tipo de gangue corresponde aos "gangues especializados", caracterizados por serem pequenos, sem subgrupos e por os seus membros serem geralmente da mesma faixa etária, focando a sua actividade em determinados delitos. Terão conhecido os sujeitos com quem cometeram o crime através de motivos específicos de natureza criminal. Relativamente às características do gangue, como uma unidade organizacional, desenvolvida por Maxson e Klein (1995), estamos na presença de grupos espontâneos, pequenos em tamanho, que duravam apenas um curto espaço de tempo e muitas vezes eram especialistas em determinado tipo de crime.

#### **4.2. Organização dos gangues**

Relativamente à organização dos gangues, a literatura diz-nos que alguns deles estão longe de ser bem organizados e de fornecer protecção, e que a integração num gangue por vezes resulta da procura desta mesma protecção. Na realidade, o envolvimento de um indivíduo num gangue aumenta a sua probabilidade de vitimização, devido às actividades criminais em que o gangue se envolve, sendo o grupo muitas vezes caracterizado pela ausência de líderes bem definidos, de regras, reuniões e de responsabilidades. Nos resultados da nossa amostra verifica-se a presença de indivíduos que se definem como pertencentes a gangues organizados e indivíduos pertencentes a gangues desorganizados. Na grande maioria, os indivíduos descreveram-se como sendo pertencentes a gangues organizados.

Segundo os dados da nossa amostra, os gangues organizados eram caracterizados pela presença de um líder, eleito principalmente pelo seu "currículo"; à semelhança da eleição do líder, o recrutamento de novos membros para o gangue, era feito na sua maioria através do "currículo", havendo ainda recrutamento através de amigos. Os elementos do gangue organizado não tinham todos o mesmo poder de decisão, existindo regras e punições para o caso de as regras serem infringidas.

Contrariamente ao que geralmente ocorre num gangue organizado (Esbensen, 2000), onde existem reuniões regulares, os resultados vão no sentido da sua não existência. Outro dado curioso que obtivemos e que vem contrariar a literatura foi que, embora pertencentes a um gangue organizado, os indivíduos estavam disponíveis para se juntarem a um outro gangue, caso houvesse benefício geral. Segundo nos diz a literatura (Esbensen, 2000), os gangues organizados têm regras formais ou informais definindo a sua filiação e a identidade colectiva, constituindo uma identidade claramente partilhada e articulada que distingue os seus membros de outros gangues ou grupos. Estes resultados podem ser explicados pelo facto dos membros de gangue estarem mais envolvidos em actividades criminais, e consequentemente, conhecerem mais indivíduos que as pratiquem. Tal como diz Moore (1993), os gangues são apenas empresas criminosas que os jovens integram com o objectivo de cometer crimes violentos, proporcionando apoio social e "profissional" às pessoas que por acaso se

dedicam a actividades ilegais, consistindo este apoio em contactos com potenciais parceiros de negócios.

Os gangues desorganizados eram caracterizados pela ausência de líder, sendo que todos os membros tinham o mesmo poder para tomar decisões, e pela ausência de reuniões regulares e de regras, apontando no sentido de uma organização difusa. Comparando com os dados apresentados pela Divisão de Estatísticas das Nações Unidas (2003), por Salamon e Anheier (1996), e Salamon, Sokolowski e colaboradores (2004), os gangues desorganizados não apresentavam estrutura organizacional, que no mínimo requer a existência de regras formais ou costumes definidos pelos membros, e assegura a relativa permanência e continuidade da entidade, mesmo se existirem mudanças dos membros ao longo do tempo. O recrutamento de novos membros era feito por conveniência. Contrariamente ao gangue organizado, os indivíduos membros de um gangue desorganizado negaram a possibilidade de se unir a um outro gangue.

Um factor que podemos encontrar em comum nestes dois tipos de grupos, e que tem muito a dizer acerca da sua organização, é a ausência de reuniões regulares e o facto do dinheiro gerado pela venda de drogas, roubo e crimes contra a propriedade realizados pelos membros do grupo e os lucros obtidos por tais actividades serem utilizados para fins individuais, indicando-nos a possibilidade de estarmos na presença de actividade criminosa de membros individuais, visando estas actividades, segundo Esbensen (2000), o proveito do individuo, a satisfação das suas necessidades, de ordem económica, de excitação ou de estatuto.

Desta forma, segundo Hagedorn, (1988), Fagan (1989), Decker e Van Winkle (1996), Maxson, Klein, e Cunningham, (1992), estamos na presença de gangues como estruturas mal organizadas, contrariamente à visão racional-instrumental desenvolvida por Mieczkowski (1986) e Taylor (1990), que argumenta que os gangues traçam objectivos comuns, motivam outras pessoas para participar numa empresa comum, com uma estrutura de actividades monetárias, enfatizando os aspectos da organização formal, racional e instrumental, sublinhando a sua natureza vertical, o papel do controlo interno sobre membros do grupo, e a disciplina em torno de metas bem estabelecidas. Esta perspectiva argumenta que, embora os gangues estejam unidos por várias características, eles são melhor compreendidos pela sua organização difusa e pelas suas características estruturais, apontando para que o uso do dinheiro gerado pelos crimes cometidos, sejam utilizados para fins individuais.

#### **4.3. Vitimização Violenta**

Segundo Peterson, Taylor e Esbensen (2004) os jovens pertencentes os gangues eram mais propensos a serem vítimas de crimes violentos graves, enfrentando maior mortalidade de alto risco, associada a actividades anti-sociais, tais como tiroteios, variando o risco de vitimização de acordo com o grau da organização do gangue a que pertencem.

Também relativamente à vitimização violenta se observam diferenças entre os indivíduos que se consideram pertencentes a gangues organizados e os que se consideram pertencentes a gangues

desorganizados. Os membros de gangues organizados, na sua maioria, já tinham sido ameaçados com uma arma de fogo e/ou com outro tipo de arma. Verificou-se ainda que a maioria tinha sido espancada e assaltada. Tal como nos dizem Decker e colaboradores (2008), que encontraram uma relação incremental entre a organização do grupo e a delinquência e a vitimização, quanto mais organizado for o grupo, maior é a agressão e vitimização dos seus membros, uma vez que cometerão ofensas mais complexas, aumentando por sua vez, a exposição a um alto risco de vitimização. Conversamente, dos indivíduos pertencentes a gangues desorganizados, apenas um terá sido ameaçado com uma arma de fogo e espancado, não havendo registo de nenhum indivíduo alvejado e assaltado.

#### ***4.4. Venda de estupefacientes e crime violento***

Segundo Miller e colaboradores (2001), os membros dos gangues delinquentes parecem estar significativamente mais envolvidos na criminalidade do que os delinquentes não pertencentes a gangues, em termos de frequência e da gravidade do seu comportamento, nomeadamente no que diz respeito ao uso de drogas e à violência, sendo mais susceptíveis de transportar e usar armas. Estudos realizados por Decker, Katz e Web (2007) demonstraram que membros de gangues organizados tinham taxas superiores de ofensas comparados com adolescentes que não faziam parte de gangues.

No que respeita à venda de estupefacientes, verificamos que a venda é mais frequente nos gangues organizados, sendo que nos gangues desorganizados é quase inexistente, dado este que é congruente com os resultados apresentados por Decker e colaboradores (2008), na medida em que os gangues organizados se envolvem em actividades criminais mais diversas e complexas. Fagan (1996) salienta que a venda de pequenas quantidades de drogas tem sido uma característica comum da vida dos gangues ao longo das décadas.

Relativamente ao crime violento também foi possível encontrar algumas diferenças significativas entre estes dois grupos. Os membros dos gangues organizados eram mais susceptíveis de intimidar e atacar outras pessoas e de estarem envolvidos em tiroteios do que os membros dos gangues desorganizados. Segundo o relato dos indivíduos, 10 membros de gangue organizado tinham morto alguém, enquanto nenhum membro de gangue desorganizado o afirmou. Roubar outras pessoas foi a prática criminosa comum encontrada entre estes dois grupos. Os resultados da nossa amostra vão de encontro ao que está descrito na literatura, na medida em que os membros de gangues organizados cometem ofensas mais complexas do que membros de gangues desorganizados (Decker et al., 2008). Os resultados por nós obtidos não vão de encontro aos dados apresentados por Cloward e Ohlin (1960), que os jovens que não são violentos nem bem sucedidos no mundo criminal, se envolvem no tráfico de droga, sendo membros de tipos de gangues desorganizados. Os resultados da nossa amostra sugerem exactamente o oposto, que membros de gangues organizados são mais violentos, cometem mais ofensas e tem um maior envolvimento no tráfico de drogas do que os indivíduos membros de gangues desorganizados.

#### **4.5. Auto-controle**

Cloward e Ohlin (1960) notaram que nem todos os jovens têm as competências e a postura necessária para integrarem o gangue, que selecciona potenciais membros para determinados crimes, e a vontade para se conformarem com um código de valores necessários para o sucesso do grupo, tendo como características obrigatórias o auto-controle, a demonstração de solidariedade para com o grupo e o desejo de desenvolver actividade criminal (Bartol, 1980).

Relativamente ao auto-controle não foram encontradas diferenças significativas entre os indivíduos pertencentes a estes dois tipos de gangues. Pelos resultados obtidos, verificamos que tanto os indivíduos pertencentes a gangues organizados como os indivíduos pertencentes a gangues desorganizados agiam no impulso do momento sem parar para pensar nas consequências negativas a longo prazo, assumindo pequenos riscos voluntariamente e evidenciando baixa tolerância à frustração. Estes indivíduos valorizavam mais a actividade física do que a actividade mental, sendo estes dados congruentes com os resultados de Cohen (1995), que também observou que jovens da classe baixa, em geral, não participam em actividades de lazer saudáveis, optando por actividades tipificadas por agressão física, e por conseguinte, baixo desenvolvimento das habilidades intelectuais e sociais.

Estes resultados vão de encontro ao trabalho de Gottfredson e Hirschi (1990), que descrevem as pessoas com baixo auto-controle como pessoas que mostram uma forte orientação para o aqui e o agora (impulsividade), não se importam com os outros, evidenciam pouca precisão, persistência e confiabilidade (tarefas simples), são aventureiros (em busca do risco), são empenhados em acções físicas (actividade física), são indiferentes e insensíveis em relação aos outros (centrados em si próprios), e têm baixa tolerância à frustração (raiva), tendendo a envolver-se em inúmeras formas de acção desviante.

As diferenças mais significativas encontradas sugerem que os indivíduos pertencentes a gangues organizados são mais aventureiros, procurando o risco, e menos preocupados, mais indiferentes e insensíveis em relação aos outros do que os membros de gangues desorganizados, podendo talvez explicar a diferença de gravidade dos crimes por eles cometidos e, consequentemente, a maior vitimização violenta a que estão sujeitos.

## 5. CONCLUSÃO

Depois de realizada a caracterização dos gangues e dos membros que os constituem, concluímos que existem, de facto, diferenças estruturais e organizacionais dos gangues com implicações significativas no comportamento dos indivíduos, mais acentuadas ao nível das ofensas cometidas e da vitimização a que estão sujeitos.

A concretização do objectivo deste estudo revelou-se bastante mais complexa do que inicialmente prevíamos. Deparámo-nos com dificuldades em aceder aos elementos da amostra, devido ao secretismo que envolve a actividade de gangue. Vários factores intervieram na redução do número de sujeitos da amostra, o principal dos quais se prendeu com a rejeição do questionário por parte dos indivíduos, apresentando-nos muitas vezes a dúvida de qual seria o destino dos dados que lhes eram solicitados, questionando-nos por diversas vezes “isto não é para a justa pois não?” (sic.). Assim, alguns dos sujeitos que admitimos viessem a colaborar na amostra foram excluídos por, claramente, fornecerem respostas aleatórias a questões que consideravam comprometedoras, apesar do anonimato das suas respostas.

Este estudo afigura-se-nos como útil e inovador, dado que permite melhorar a compreensão acerca das estruturas organizacionais dos gangues, bem como a análise da influência da organização do gangue no comportamento dos indivíduos. A maior contribuição feita por este estudo reside na comparação de membros de gangues organizados e de membros de gangues desorganizados, um aspecto geralmente negligenciado pela literatura da especialidade. Do nosso conhecimento, este foi o primeiro estudo desenvolvido acerca da organização dos gangues e foi o primeiro estudo a realizar uma comparação entre membros de gangues organizados e membros de gangues desorganizados, relativamente às ofensas, à vitimização a que estão sujeitos, ao tráfico de estupefacientes e ao seu auto-controle.

Os resultados deste estudo podem ter várias implicações para a intervenção com membros de gangues, bem como para a elaboração de estratégias de prevenção da criminalidade. Para investigações futuras, será necessário replicar estas análises noutras amostras com uma maior dimensão e com um número mais equilibrado de indivíduos que se considerem membros de gangues organizados e membros de gangues desorganizados.

## 6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Bartol, C.R. (1980). *Criminal behavior: A psychosocial approach*. Englewood Cliffs, NJ: Prentice Hall.
- Bjerregaard, B. (2002). Self-definitions of gang membership and involvement in delinquent activities. *Youth & Society*, 34, 31-54.
- Cloward, R., & Ohlin, L. (1960). *Delinquency and opportunity*. Glencoe: Free Press.
- Cohen, A.K. (1955). *Delinquent Boys*. Glencoe: Free Press.
- Covey, H. C. (2003). *Street gangs throughout the world*. Springfield, IL: Charles C. Thomas.
- Curry, D. G., & Decker, S. H. (1998). *Confronting gangs: Crime and community*. Los Angeles: Roxbury.
- Curry, G. D., & Spergel, I. A. (1988). Gang homicide, delinquency, and community. *Criminology*, 26, 381-405.
- Daily, W. Jr. (2000). *National Gang Threat Assessment. National Alliance of Gang Investigators Associations*, 1 – 56.
- Decker, S. H. (2007). Youth gangs and violent behavior. In D. J. Flannery, A. Vazsonyi, & I. D. Waldman (Eds.), *The Cambridge handbook of violent behavior and aggression* (pp. 388-402). New York: Cambridge University Press.
- Decker, S. H., Katz, C. M., & Webb, V. J. (2008). Understanding the black box of gang organization. *Crime & Delinquency*, 54, 153-173.
- Decker, S., & Van Winkle, B. (1996). *Life in the gang: Family, friends, and violence*. New York: Cambridge University Press.
- Decker, S. H., & Van Winkle, B. (2001). The history of gang research. In J. Miller, C. L. Maxson, & M. W. Klein (Eds.), *The modern gang reader*. (2nd ed.) (pp. 15–21). Los Angeles, CA: Roxbury.
- DeLisi, M. (2003). Criminal careers behind bars. *Behavioral Sciences and the Law*, 21, 653-669.
- Delisi, M., Barnes, J.C., Beaver, K.M., & Gibson, C. L. (2009). Delinquents gangs and adolescent victimization revisited: A propensity score matching approach. *Criminal Justice and Behavior*, 36, 808.
- DeLisi, M., Berg, M. T., & Hochstetler, A. (2004). Gang members, career criminals, and prison violence: Further specification of the importation model of inmate behavior. *Criminal Justice Studies*, 17, 369-383.
- Duffy, M. (2004). Introduction: A global overview of the issues of and responses to teen gangs. In M. P. Duffy & S. E. Gillig (Eds.), *Teen gangs: A global view* (pp. I–12). Westport, CT: Greenwood.
- Durkheim, E. (1893). *The division of labor in society*. New York: Free Press.
- Durkheim, E. (1895). *The rules of sociological method*. New York: Free Press.



- Durkheim, E. (1897). *Suicide*. The Free Press.
- Esbensen, F., & Huizinga, D. (1991). Juvenile victimization and delinquency. *Youth & Society*, 23, 202-228.
- Esbensen, F., & Huizinga, D. (1993). Gangs, drugs, and delinquency in a survey of urban youth. *Criminology*, 31, 565-590.
- Esbensen, F., Deschenes, E. P., & Winfree, L. T. (1999). Differences between gang girls and gang boys: Results from a multisite survey. *Youth & Society*, 31, 27-53.
- Esbensen, F. (2000). *Preventing adolescent gang involvement*. *juvenile justice bulletin*, September.
- Esbensen, F., & Winfree, L. T., Jr. (1998). Race and gender differences between gang and non-gang youth: Results from a multi-site survey." *Justice Quarterly*, 15, 505-26.
- Esbensen, F., Winfree, L. T., Jr., He, N., & Taylor, T. J. (2001). Youth gangs and definitional issues: When is a gang a gang, and why does it matter?. *Crime and Delinquency*, 47,105-30.
- Fagan, J. (1989). The social organization of drug use and drug dealing among urban gangs. *Criminology*, 27, 633-669.
- Fagan, J. A. (1996). Gangs, drugs, and neighborhood change. In C. R. Huff, *Gangs in America* (2nd ed.) (pp. 39-74). Thousand Oaks, CA: Sage.
- Fleisher, M., & Krienert, J. (2004). Life-course events, social networks, and the emergence of violence among female gang members. *Journal of Community Psychology*, 32, 607-622.
- Gaffney, R.J. (1999). Preventing youth gang proliferation in Suffolk County. *Juvenile Crime Prevention Commission Report*. U.S. Department of Justice.
- Gordon, R. A., Lahey, B. B., Kawai, E., Loeber, R., Stouthamer-Loeber, M., & Farrington, D. P. (2004). Antisocial behavior and youth gang membership: Selection and socialization. *Criminology*, 42, 55-87.
- Gottfredson, M. R., & Hirschi, T. (1990). *A general theory of crime*. Stanford, CA: Stanford University Press.
- Hagedorn, J. H. (1988). *People and folks*. Chicago: Lakeview Press.
- Hartjen, C. (1943). *Youth, Crime and Justice: A global inquiry*. New Brunswick: Rutgers University Press.
- Hérault, G., & Pius A. (Eds.). (1997). Youth, street culture and urban violence in Africa: Proceedings of the International Symposium Held in Abidjan 5-7 May 1997. Ibadan, Nigeria: Institute of African Studies.
- Howell, J. C., & Gleason, D. K. (1999). Youth gang drug trafficking. *OJJDP Juvenile Justice Bulletin*. Washington, DC: U.S. Department of Justice, Office of Justice Programs, Office of Juvenile Justice and Delinquency Prevention.
- Howell, J. C., & Decker, S. H. (1999). The youth gangs, drugs, and violence connection. *OJJDP Juvenile Justice Bulletin*. Washington, DC: U.S. Department of Justice, Office of Justice Programs, Office of Juvenile Justice and Delinquency Prevention.

- Huff, C. R. (1998). *Criminal behavior of gang members and at-risk youth*. Washington, DC: U.S. Department of Justice, Office of Justice Programs, National Institute of Justice.
- Klein, M. W. (1995). *The American street gang*. New York: Oxford University Press.
- Klein, M. W., & Maxson, C. L. (2006). *Street gang patterns and policies*. New York: Oxford University Press.
- Klein, M.W. (1971). *Street gangs and street workers*. Englewood Cliffs, NJ: Prentice Hall.
- Klein, M. W. (2001a). Resolving the eurogang paradox, In M. W. Klein, H. J. Kerner, C. L. Maxson, & E. G. Weitekamp (Eds.), *The eurogang paradox: Street gangs and youth groups in the U.S. and Europe* (pp. 7–19). Dordrecht: Kluwer.
- Klein, M. W. (2001b.) Gangs in the United States and Europe. In J. Miller, C. L. Maxson, & M. W. Klein, *The modern gang reader* (2nd ed.) (pp. 61–72). Los Angeles, CA: Roxbury.
- Lilly, R. J., Cullen, F. T., & Ball, R. A. (1989). *Criminological theory: Context and consequences*. Newbury Park, CA: Sage.
- Martin, R., Mutchnick, R. J., & Austin, W. T. (1990). *Criminological thought: Pioneers past and present*. New York: Macmillan.
- Maxson, C. L., & Malcolm, W. K. (2001). *The Modern Gang Reader* (2nd ed.). Los Angeles, CA: Roxbury.
- Maxson, C. L., Gordon, M. A., & Klein, M. W. (1985). Differences between gang and non-gang homicides. *Criminology*, 23, 209-222.
- Maxson, C. L., Klein, M. W., & Cunningham, L. (1992). Street gangs and drug sales. *Report to the National Institute of Justice*.
- Maxson, C. L., & Klein, M. W. (1995). Investigating gang structures. *Journal of Gang Research*, 3 (1), 33-40.
- Maxson, C. L. (1995). *Street gangs and drug sales in two suburban cities: Research in brief*. Washington, DC: U.S. Department of Justice, Office of Justice Programs, National Institute of Justice.
- McCorkle, R., & Miethe, T. (2002). *Panic: The social construction of the gang problem*. New York: Prentice Hall.
- McGloin, J. M. (2008). Gang involvement and predatory crime. In M. DeLisi & P. J. Conis (Eds.), *Violent offenders: Theory, research, public policy, and practice* (pp. 141-154). Boston: Jones & Bartlett.
- Merton, R. K. (1938). Social structure and anomie. *American Sociological Review*, 3, 672.
- Merton, R. K. (1968). *Social theory and social structure*. New York: Free Press.
- Mieczkowski, T. (1986). Geeking up and throwing down: Heroin street life in detroit. *Criminology*, 24, 645-666.
- Miller, J., & Decker, S. H. (2001). Young women and gang violence: Gender, street offending, and violent victimization in gangs. *Justice Quarterly*, 18, 115-140.

- Miller, J., Maxson C. L., & Klein, M. W. (Eds.). *The modern gang reader* (2nd ed.). Los Angeles: Roxbury.
- Moore, J. W. (1993). Gangs, drugs and violence. In Cummings & Monti (Eds.), *Gangs: The origins and impact of contemporary youth gangs in the United States*. Albany: SUNY Press.
- National Youth Gang Center (1999). *National youth gang survey*. Washington, DC: U.S. Department of Justice, Office of Justice Programs, Office of Juvenile Justice and Delinquency Prevention.
- Peterson, D., Taylor, T. J., & Esbensen, F. (2004). Gang membership and violent victimization. *Justice Quarterly*, 21, 793-815.
- Rappleye, C. (n.d.). *Harassing homies: LAPD Campaigns against a church-based gang-peace project*.
- Reed, L. W., & Decker, H. S. (2002). *Responding to gangs: Evaluation and research*. U.S. Department of Justice, National Institute of Justice.
- Reid, S. T. (1990). *Crime and criminology*. Fort Worth, TX: Holt, Rinehart, and Winston.
- Salamon, L. M., & Anheier, H. K. (1996). *The emerging nonprofit sector: An overview*. Manchester: Manchester University Press.
- Salamon, L. M., & Sokolowski, S. W. (2004). *Global civil society: Dimensions of the nonprofit sector (vol. 2)*. Kumarian Press.
- Sarnecki, J. (1990). Delinquent networks in Sweden. *Journal of Quantitative Criminology*, 6, 31–50.
- Sarnecki, J. (2001). *Delinquent networks: Youth co-offending in Stockholm*. Cambridge, UK: Cambridge University Press.
- Shaw, C. R., & McKay, H. D. (1942). *Juvenile delinquency and urban areas*. Chicago: University of Chicago Press.
- Sherman, L. W. (1998). Preventing crime: What works, what doesn't, what's promising: A report to the United States Congress. *Communities and Crime Prevention*.
- Shoemaker, D. J. (1984). *Theories of delinquency: An examination of explanations of delinquent behavior*. New York: Oxford University Press.
- Short, J. F. Jr. (Ed.). (1968). *Gang delinquency and delinquent subcultures*. New York: Harper and Row.
- Spiegel, A. I. (1990). Youth gangs: Continuity and change. *Crime and Justice*, 21, 171–275.
- Spiegel, A. I. (1995). *The youth gang problem: A community approach*. New York: Oxford University Press.
- Sutherland, E. (1947). *Principles of criminology*. Philadelphia: Lippincott.
- Taylor, C. (1990). *Dangerous society*. East Lansing, MI: Michigan State University Press.
- Taylor, T. J. (2008). The boulevard ain't safe for your kids: Youth gang membership and violent victimization. *Journal of Contemporary Criminal Justice*, 24, 125-136.
- Taylor, T. J., Peterson, D., Esbensen, F., Freng, A. (2007). Gang membership as a risk factor for adolescent violent victimization. *Crime and Delinquency*. 44 (4), 351 – 380.

- Thornberry, T. P., Krohn, M. D., Lizotte, A. J., & Chard-Wierschem, D. (1993). The role of juvenile gangs in facilitating delinquent behavior. *Journal of Research in Crime and Delinquency*, 30, 55-87.
- Thrasher, F. M. (1927). *The gang: A study of 1,313 gangs in Chicago*. Chicago: University of Chicago Press.
- Thurman, Q. C. (1996). Community-based gang prevention and intervention: An evaluation of the neutral zone. *Crime and Delinquency*, 42 (2), 279–295.
- United Nations Statistics Division. (2003). *Handbook on nonprofit institutions in the system of national accounts*, Series F, no. 91. Available online at [unstats.un.org/unsd/publication/SeriesF/SeriesF\\_91E.pdf](http://unstats.un.org/unsd/publication/SeriesF/SeriesF_91E.pdf).
- Venkatesh, S. A., & Levitt, S. D. (2000). Are we a family or a business? History and disjuncture in the urban american street gang. *Theory and society* 29, 427–462.
- Venkatesh, S. (1999). Community-based interventions into street gang activity. *Journal of Community Psychology*, 27 (5), 551–567.
- Vetter, H. J., & Silverman, I. J. (1978). *The Nature of Crime*. Philadelphia: W.B. Saunders.
- Werdmölder, H. (1997). *A generation adrift: An ethnography of a criminal Moroccan gang in the Netherlands*. The Hague: Kluwer Law International.
- Yablonsky, L. (1997). *Gangsters*. New York: NYU Press.

## **ANEXOS**

## **ANEXO 1**

### **TERMO DE CONSENTIMENTO**

### Consentimento Informado

Eu, \_\_\_\_\_, declaro ter sido informado pelo Dr. Duarte Nuno Viana Dias que a(s) presente(s) entrevista(s) tem por objectivo um trabalho de investigação, cuja finalidade é aprofundar o conhecimento acerca da organização dos gangues e da sua influência nos indivíduos que os constituem. Pretende-se com este estudo obter uma melhor compreensão da vivência destes indivíduos, com vista à caracterização do tipo de gangue a que pertencem. Mais declaro que desejo participar na realização da mesma e que autorizo o investigador a colher os dados relativos à minha pessoa que entenda por convenientes.

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 200\_\_

Assinatura

\_\_\_\_\_

**ANEXO 2**  
**QUESTIONÁRIO**



## Questionário

### **Caracterização Sócio-Demográfica**

1. Género: 0=Masculino; 1=Feminino
2. Idade:
3. Estado civil: 0=Solteiro; 1=Casado/União de facto; 3=Separado/Divorciado; 4=Viúvo
4. Habilitações literárias:
5. Idade de abandono da escola:
6. Motivo de abandono da escola: 0=Não especificado/não aplicável; 1=Descontentamento com a escola; 2=Dificuldades de aprendizagem; 3=Início da actividade profissional; 4=Comportamento desviante
7. Relação com os professores: 0=Funcional, próxima; 1=Funcional, distante (temeroso); 2=Funcional, distante (depreciativo); 3=Disfuncional, vítima; 4=Disfuncional, agressor
8. Relação com os colegas: 0=Harmoniosa, próxima; 1=Harmoniosa, embora distante (temeroso); 2=Harmoniosa, embora distante (depreciativo); 3=Conflituosa, vítima; 4=Conflituosa, agressor

### **Desenvolvimento Pessoal**

1. Caracterização do meio social envolvente: 0=Muito favorecido; 1=Favorecido; 2=Algo desfavorecido/carenciado; 3=Francamente desfavorecido/carenciado
2. Caracterização do ambiente familiar: 0=Harmonioso; 1=Disfuncional, sem maus-tratos; 2=Disfuncional, com maus-tratos entre os progenitores; 3=Disfuncional, com maus-tratos a toda a família
3. Vivência da socialização: 0=Sociável; 1=Isolado, temeroso; 2=Isolado, depreciativo
4. Do que se recorda, na infância, alguma vez se sentiu discriminado?
5. Que actividades exercia nos tempos livres?

6. Consumo de álcool? 0=Não; 1=Sim, moderado; 2=Sim, excessivo
  - a. Idade com que começou a consumir álcool?
7. Consumo de estupefacientes? 0=Não; 1=Sim, moderado; 2=Sim, excessivo
  - a. Tipo de droga consumida?
  - b. Idade com que iniciou o consumo de estupefacientes?
  - c. Em que contextos consumia?
  - d. Como obtinha as substâncias?
8. No seu meio observava comportamentos violentos contra as pessoas?
9. O meio em que estava inserido era na sua opinião um meio violento?
10. Tinha familiares com antecedentes criminais? Se sim, quem?
11. Que profissões eram vistas como de sucesso no seu meio?

### **Trajectória Criminal**

1. Já esteve detido? 0=Não; 1=Sim
2. Qual o crime?
  - a. Crime contra as pessoas:
    - i. Homicídio,
    - ii. Homicídio na forma tentada,
    - iii. Ofensa a integridade física,
    - iv. Violação, abuso sexual,
    - v. Coação,
    - vi. Sequestro,
    - vii. Difamação,

viii. Injúria.

b. Crime contra a vida em sociedade:

- i. Incêndio,
- ii. Burla,
- iii. Falsificação de documentos,
- iv. Tráfico de estupefacientes,
- v. Profanação de cadáver,
- vi. Utilização de menor na mendicidade,
- vii. Condução de veículo sem habilitação,
- viii. Condução de veículo em estado de embriaguez,

c. Crime contra o património

- i. Furto,
- ii. Roubo,
- iii. Roubo na forma tentada,
- iv. Abuso de confiança,
- v. Dano

d. Crime contra o estado

- i. Desobediência,
- ii. Evasão,
- iii. Usurpação de funções,
- iv. Denúncia caluniosa,
- v. Peculato,
- vi. Falso testemunho

## vii. Outro

## 3. Qual a pena?

**Envolvimento em Gangues**

1. O crime que cometeu foi: 0=Sozinho; 1=Acompanhado
2. O crime foi cometido perto da sua área de residência?
3. Foi nalgum local específico?
4. Já tinham cometido algum crime nessa área?
5. Quais foram os motivos que o levaram a juntar-se a alguém para cometer o crime?
6. Como os conheceu? 0=Acaso; 1=Motivo específico, de natureza não criminal; 2=Motivo específico, de natureza criminal
7. Eram especializados em algum tipo de crime? 0=Não; 1=Sim
  - a. Se sim, qual?
8. Como são divididos os ganhos do crime?
9. Só os intervenientes é que ganham, ou é dividido com os outros membros do Gangue?
10. Alguma vez pensou que podia ser detido? 0=Sim; 1=Não
11. Considera que, apesar do risco, é mais vantajosa a vida criminal? 0=Não; 1=Sim
12. Número total de alvos durante o seu envolvimento no Gangue:
13. Existe actividade de Gangues no seu bairro? 0=Não; 1=Sim
14. As pessoas que vivem no seu bairro fazem parte de algum Gangue? 0=Não; 1=Sim
15. Existem Gangues rivais no seu bairro? 0=Não; 1=Sim
16. No seu bairro existe pressão para fazer parte de algum Gangue? 0=Não; 1=Sim
17. Há problemas no seu bairro por causa de Gangues? 0=Não; 1=Sim

## **Organização, Vitimização Violenta, Venda de Drogas e Ofensas Violentas**

### **Organização dos Gangues**

1. Grau de organização do Gangue: 0= Desorganizado; 1= Pouco Desorganizado; 2=Misto; 3=Pouco Organizado; 4=Organizado
2. O Gangue tem um líder? 0=Não; 1=Sim
3. Como é eleito o líder?
4. Como recrutavam novos membros?
5. Todos tinham o mesmo poder para tomar decisões? 0=Não; 1=Sim
6. O Gangue tem reuniões regulares? 0=Não; 1=Sim
7. Existe algum lugar específico para as reuniões? 0=Não; 1=Sim
8. O Gangue tem regras? 0=Não; 1=Sim
9. Existem punições se as regras forem quebradas? 0=Não; 1=Sim
10. O Gangue tem cores, símbolos, sinais ou roupas? 0=Não; 1=Sim
11. Os membros têm responsabilidades, obrigações, rituais para com o Gangue? 0=Não; 1=Sim
12. Os membros dão dinheiro para o Gangue? 0=Não; 1=Sim
13. Há algum local específico para a vossa actuação? 0=Não; 1=Sim
14. Alguém vos “encomenda” algo e depois vocês actuam? 0=Não; 1=Sim
15. Os crimes que efectuam são só para proveito do grupo? 0=Não; 1=Sim
16. Se houver consenso por parte do vosso grupo, vocês associam-se a outro grupo para benefício geral? 0=Não; 1=Sim

**Vitimização Violenta**

1. Já foi ameaçado com uma arma de fogo? 0=Não; 1=Sim
2. Já foi alvejado? 0=Não; 1=Sim
3. Já foi ameaçado com outro tipo de arma? 0=Não; 1=Sim
4. Já foi ferido com outro tipo de arma? 0=Não; 1=Sim
5. Já foi espancado? 0=Não; 1=Sim
6. Já foi assaltado? 0=Não; 1=Sim

**Venda de estupefacientes**

1. O Gangue vende estupefacientes? 0=Não; 1=Sim
2. O Gangue vende para outros traficantes? 0=Não; 1=Sim

**Crime Violento**

1. O Gangue intimida outras pessoas? 0=Não; 1=Sim
2. Os membros do Gangue roubam pessoas? 0=Não; 1=Sim
3. Os membros do Gangue atacam pessoas? 0=Não; 1=Sim
4. O Gangue está envolvido em tiroteios? 0=Não; 1=Sim
5. O Gangue já matou alguém? 0=Não; 1=Sim
6. Todos os membros do grupo são violentos? 0=Não; 1=Sim

## **Avaliação do auto-controle**

### **1. Impulsividade**

1. Costumo agir no impulso do momento. 0=Não; 1=Sim
2. Normalmente planeio a longo tempo. 0=Sim; 1=Não
3. Penso mais no futuro distante do que no futuro próximo 0=Sim; 1=Não
4. Muitas vezes faço aquilo que gosto, sem pensar nas consequências negativas a longo prazo. 0=Não; 1=Sim

### **2. Tarefas simples**

1. Mesmo que eu não consiga realizar uma tarefa imediatamente, normalmente eu continuo a tentar. 0=Não; 1=Sim
2. Eu gosto de tarefas difíceis que me empurram aos limites. 0=Não; 1=Sim
3. Eu tento evitar fazer tarefas difíceis. 0=Sim; 1=Não
4. Coisas que são fáceis de fazer são as que mais gosto. 0=Sim; 1=Não

### **3. Temperamento**

1. Se estou envolvido numa discussão séria, consigo facilmente manter a calma e discutir as coisas racionalmente. 0=Sim; 1=Não
2. Perco a paciência facilmente. 0=Não; 1=Sim
3. Consigo facilmente manter a calma mesmo quando estou chateado. 0=Sim; 1=Não
4. Quando estou realmente irritado é melhor deixarem-me sozinho. 0=Não; 1=Sim

### **4. Egocêntrico**

1. É fácil para mim apoiar os problemas dos outros. 0=Sim; 1=Não
2. Se os outros estão chateados comigo, é problema deles. 0=Não; 1=Sim
3. Normalmente tento obter o que quero mesmo que os outros se prejudiquem por causa disso. 0=Não; 1=Sim

## 5. Actividade Física

1. Eu prefiro actividade mental a actividade física. 0=Sim; 1=Não
2. Eu prefiro ler e pensar do que fazer actividades no exterior. 0=Sim; 1=Não
3. Eu sinto-me melhor quando estou em acção do que quando estou a ler ou a pensar.  
0=Não; 1=Sim
4. Tenho mais energia e actividade do que as outras pessoas da minha idade. 0=Não;  
1=Sim

## 6. Busca de risco

1. Eu assumo o risco por divertimento. 0=Não; 1=Sim
2. Prefiro segurança à emoção e aventura. 0=Sim; 1=Não
3. Às vezes assumo pequenos riscos voluntariamente. 0=Não; 1=Sim
4. Normalmente tento evitar as situações que me possam pôr em apuros. 0=Sim; 1=Não